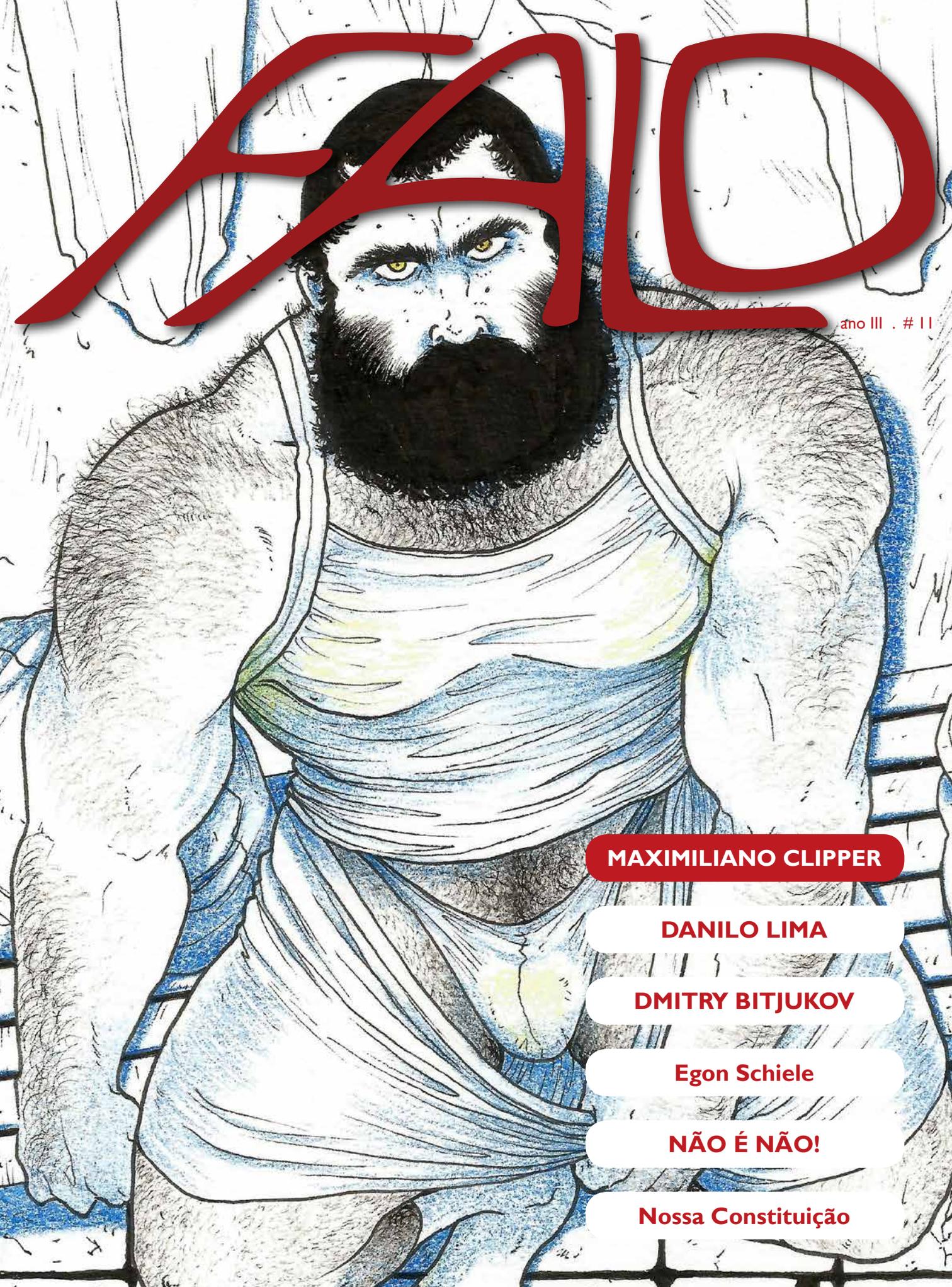


# AJÓ

ano III . # 11



**MAXIMILIANO CLIPPER**

**DANILO LIMA**

**DMITRY BITJUKOV**

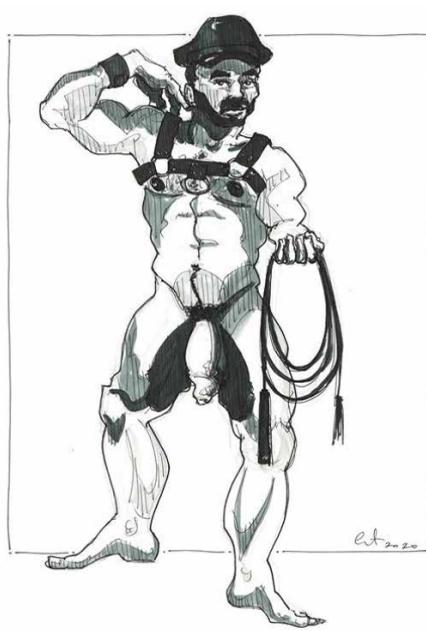
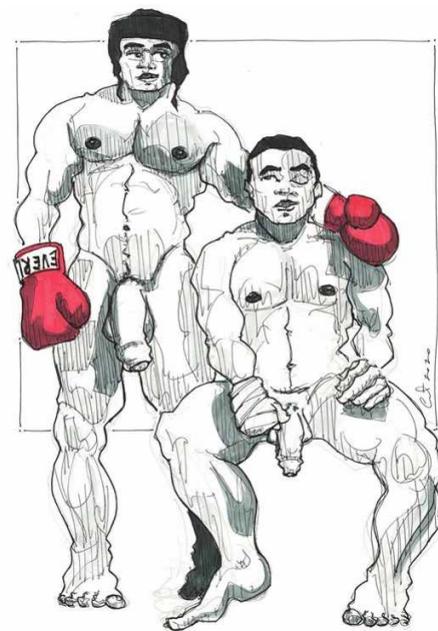
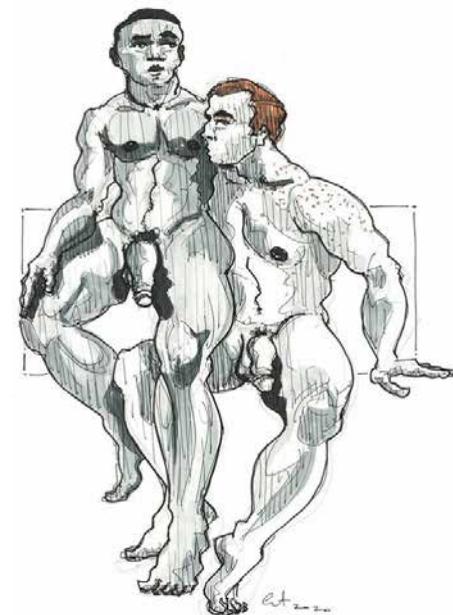
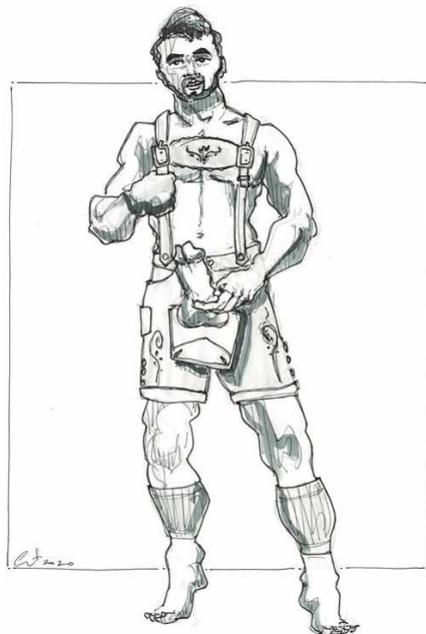
**Egon Schiele**

**NÃO É NÃO!**

**Nossa Constituição**

Os antecedentes de **Court Watson** são a mistura de uma educação familiar conservadora e o mundo do Teatro e dos Musicais. Seus primeiros esboços de colegas de escola não foram bem recebidos por seu pai. Mais tarde, já produzindo cenários e figurinos, foi convidado para o *Charles Leslie Drawing Studio* para desenhar regularmente em grupos de artistas gays.

Seus desenhos eróticos de figuras masculinas em aquarela e nanquim foram chamados por Charles Leslie como “arte de armário”: aquele que as pessoas compram para suas próprias coleções particulares, não para serem exibidas em público. Seu rápido trabalho de linha se assemelha a traços arquitetônicos ou gravuras. Pretende capturar a personalidade, o senso de humor e até mesmo algumas excentricidades, independentemente de forma ou tamanho. Confiança e bondade geralmente o excitam mais do que peitorais e abdominais. Isso ressoa em seu trabalho, onde se pode ver que o foco está nos olhos dos modelos e não no que está pendurado entre as pernas deles.



edição, redação e design: Filipe Chagas  
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme  
Correa e Rígle Guimarães.  
site: Pedro Muraki

capa: *Torneio*, nanquim e aquarela em papel canson, de  
Maximiliano Clipper, 2019.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta  
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação  
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a  
comunicação ([falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com)) para que possamos  
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

### Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a  
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,  
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de  
genitália masculina. Consulte com precaução caso  
sinta-se ofendido.

### Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que  
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.  
Todos os direitos estão reservados e, portanto,  
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de  
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por  
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas  
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos  
criadores com permissão de direitos autorais ou  
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no  
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet  
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,  
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um  
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos  
autorais violados, entre em contato através do e-mail  
[falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com) e procederemos da melhor forma  
possível.

### Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja  
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato  
através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com).

## Editorial

**E**m uma enquete feita em dezembro do ano passado no Instagram sobre possíveis temas para 2020, surgiu *Abuso Sexual*. Na primeira vez que apareceu, eu pensei “ok, vai pra pauta”, mas, no fim, o tema foi pedido mais duas vezes. Então, resolvi fazer um nova enquete perguntando quem já havia sofrido algum tipo de violência sexual. O resultado: 39% de votos para “sim”.

Cada voto era um soco no meu estômago. Mesmo que fosse 0,1% já seria demais! Quando comecei a receber relatos por mensagem, percebi que já havia passado da hora de se falar sobre isso. Eram muitas vozes caladas, muita gente precisando ser ouvida. Durante minha pesquisa sobre o tema, mais embrulho: cada estatística arrepiante, cada número aterrador, cada informação chocante. Por isso, nessa edição, juntei as seções *Falorrágia* e *Falocampse*, para dar um escopo ao tema e também abrir o espaço para aqueles que se sentiram confortáveis em compartilhar suas histórias.

Além disso, novas censuras artísticas voltaram a acontecer, fossem nas redes sociais ou mesmo em exposições fechadas. Paranoia é a nova palavra de ordem. Os efeitos da masculinidade tóxica estão enraizados, sendo potencializados por discursos heteronormativos fundamentalistas.

Por essa razão, a seção *Bibliófalo* vem sem resenha, mas com um resumo básico sobre leis à favor da liberdade de expressão artística. Se vamos lutar individualmente, precisamos, ao menos, de argumentos.

Mas calma... essa edição também tem Arte! E muita! Até porque, a partir dessa edição, começa uma coisa (mais ou menos) nova. Nas edições de novembro (*Blue Edition*), eu usava a folha de guarda (ainda não sabe o que é? leia a legenda aqui embaixo) para colocar um manifesto feito de forma colaborativa. Já nos anuais de 2019 – lançados agora em janeiro – utilizei as folhas de guarda para apresentar o trabalho incrível de um artista: os *Faloscópios* de Manuel Berlín (não viu? Imperdível!). Agora as folhas de guarda seguirão essa linha, trazendo um trabalho específico de um artista.

Nessa edição os artistas trabalham com o desejo: na capa, Max... mas conhecido como *Jugo de Papaya* nas redes sociais (e você vai saber o porquê)... cria um mundo surreal de desejos; o fotógrafo Danilo Lima, do projeto *Clanndestino*, realiza o desejo voyeurístico de todos nós; Dmitry já é mais direto em suas obras carregadas de desejos e fetiches; e Egon Schiele nos lembra, através de si mesmo, os desejos que carregamos no corpo, através de nossas formas mais expressivas e de nossa própria mortalidade.

Talvez essa seja uma das edições de maior peso que fiz até agora. **Chega de silêncio!**

Filipe Chagas, editor

Maximiliano Clipper	6
Danilo Lima	24
Dmitry Bitjukov	38
FALO DE HISTÓRIA Egon Schiele	50
FALO EM FOCO	65
FALORRAGIA + FALOCAMPSE Não é não!	66
FALATÓRIO	90
BIBLIÓFALO Constituição Brasileira	92
FALO com VOCÊ	96
moNUmento	99

Rei, nanquim, marcador, lápis de cor e aquarela em papel canson, 2019.

# Maximiliano Clipper

por Filipe Chagas

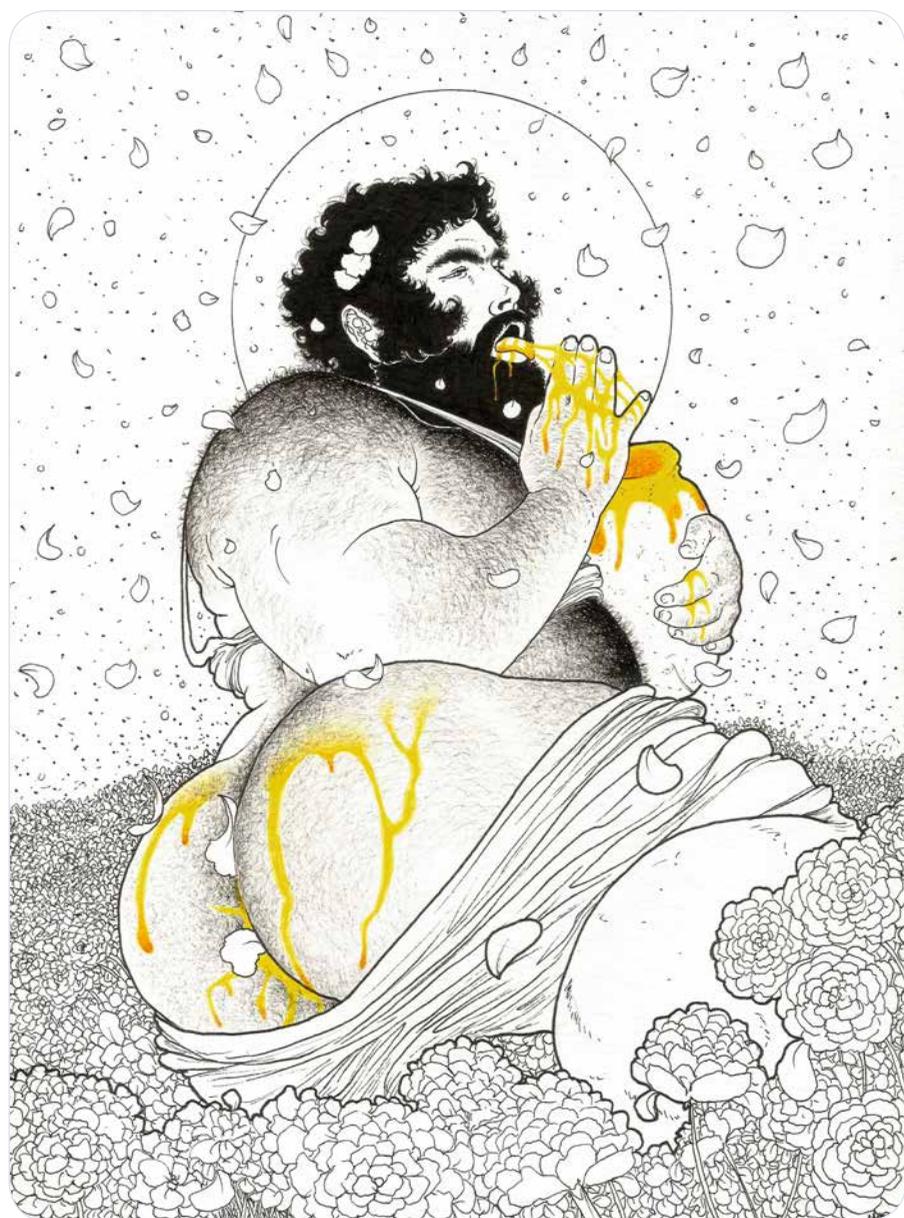
**M**aximiliano Clipper nunca se considerou um artista porque desenhar é uma paixão, algo comum para ele. Seu processo criativo ainda é o mesmo de quando era um garoto que desenhava pirus obsessivamente o tempo todo em todos os lugares: uma idéia, alguns esboços, lápis, canetas e aquarelas para reproduzir o que lhe vier à mente.

*Às vezes eu desenho sem ideias e improviso no papel.*

*Clipper*

Aquele garoto chileno cresceu e começou a criar mundos de sonhos cheios de masculinidade e doçura que se misturam naturalmente. Depois que ele usou o Instagram para publicar alguns trabalhos, teve resposta tão boa que percebeu que era de fato um artista.

Andar pela cidade, cozinhar, ver seus amigos, ouvir música, um bom livro, pessoas nas ruas ou na academia... a vida em geral o estimula. Quer um exemplo engraçado disso? Quando Max estava dando o nome de sua conta no Instagram, ele estava bebendo suco de mamão. E, então, *Jugo de Papaya* nasceu.



*Elixir*, nanquim, marcador e lápis de cor em papel canson, 2019.

Max diz que os homens sempre foram representados na arte com uma imagem forte e viril. Agora está mais aberto colocar a figura masculina em outra(s) perspectiva(s), mesmo de maneira feminina ou com um jeito vulnerável. Como ele sempre foi um garoto magro e delicado, isso provavelmente o levou a criar um estilo em que é possível ver gigantes peludos se relacionando com pequenos jovens:

*Faço diferença no tamanho porque gosto quando alguém tão grande e imponente cuida ou admira algo tão pequeno. Ver esse homem grande e bruto nos meus desenhos misturado com elementos delicados, como flores secas, muda os conceitos. Um gigante se torna um objeto de desejo, de algo sensual que você pode tocar, mas não é seu, quase como um pequeno troféu.*



*Árvore de pêssegos*, nanquim e aquarela em papel canson, 2018.

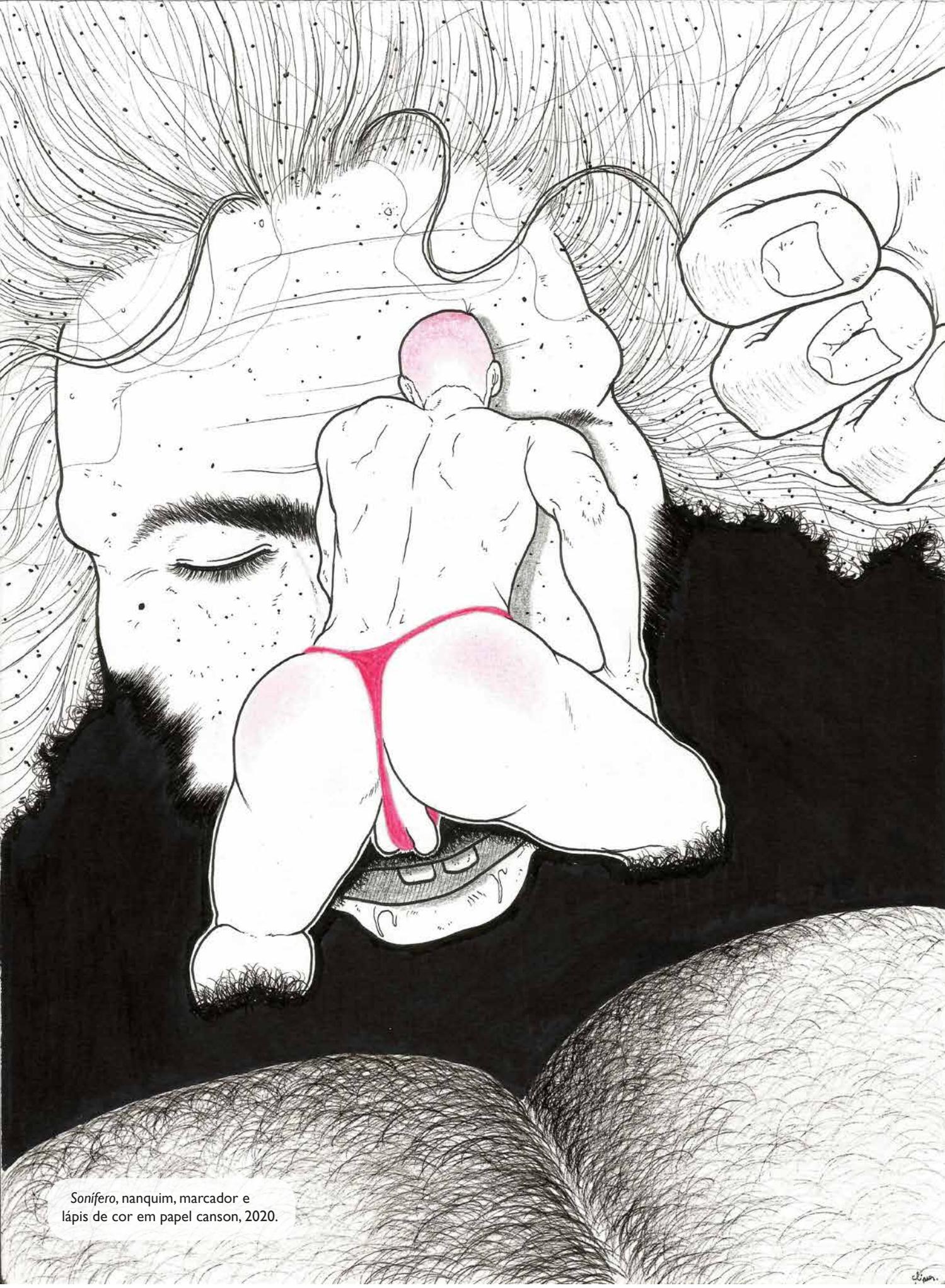
Amor, marcador gasto e lápis de cor em papel canson, 2018.



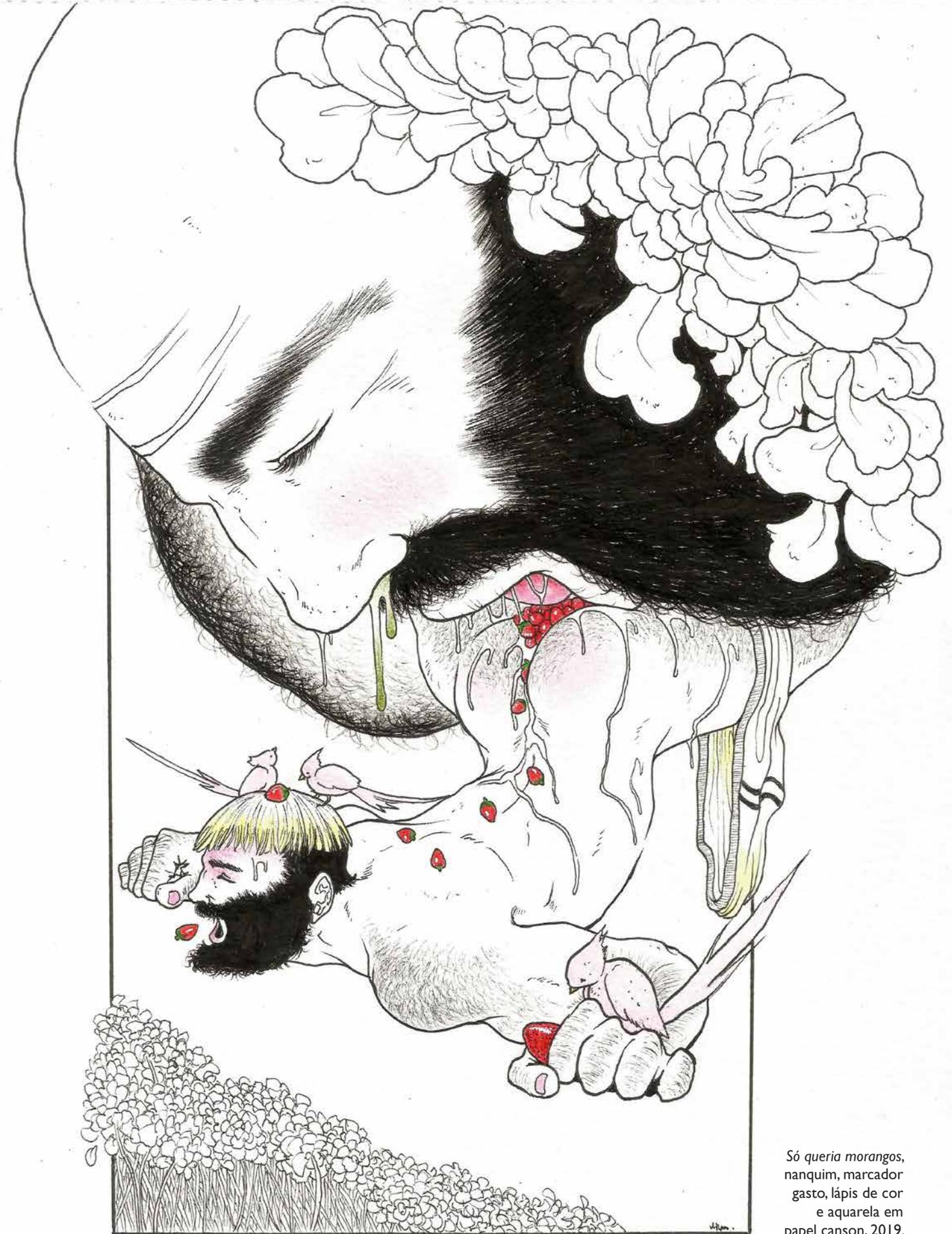
Areia movediça, nanquim, marcador e aquarela em papel canson, 2018.

Clippin.

Clippin.



Sonifero, nanquim, marcador e  
lápis de cor em papel canson, 2020.



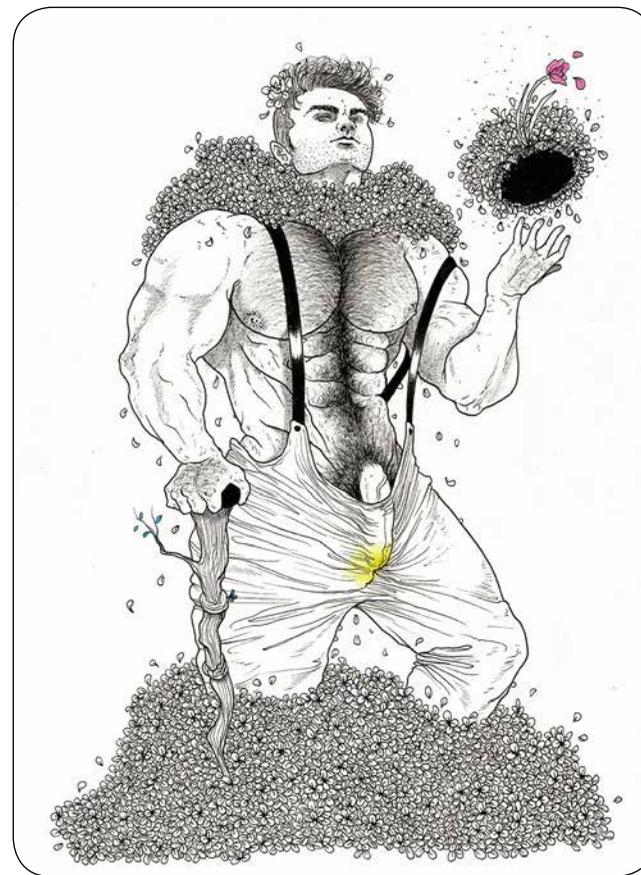
Só queria morangos,  
nanquim, marcador  
gasto, lápis de cor  
e aquarela em  
papel canson, 2019.

Embora seus personagens não sorrissem tanto, eles têm algumas expressões nos olhos e sobrancelhas, porque Max acredita que o rosto mostra toda a personalidade. Geralmente gosta de uma censura provocadora, dando à imaginação algo para (desejar) pensar.

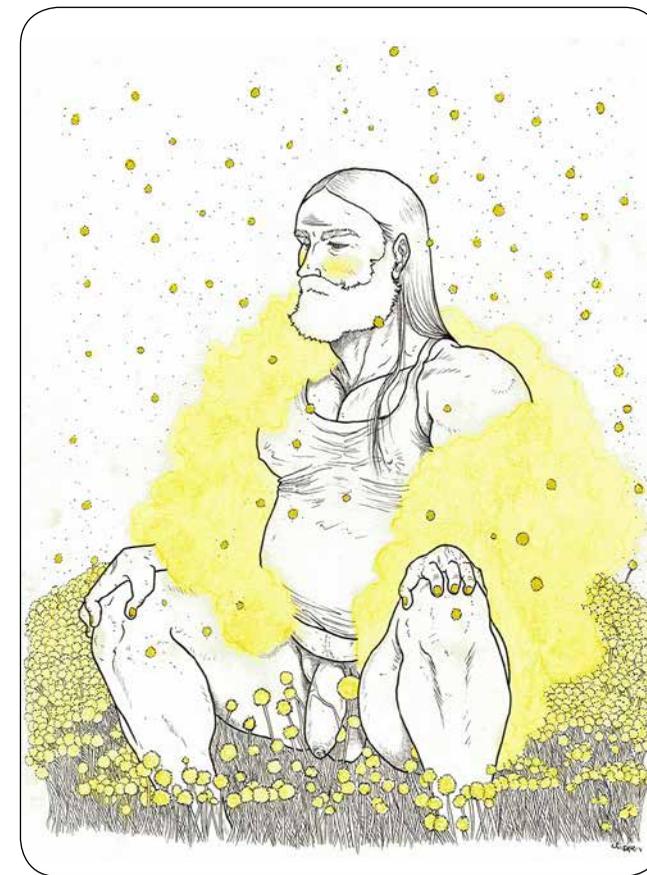
*Não sou muito fã de mostrar tudo de uma vez. Quando é muito explícito (parte do trabalho é) fica um pouco chato. Se estiver ereto, está com tesão e é isso. Um falo normal, quando o homem está apenas fazendo suas coisas em sua zona de conforto, relaxado, dá mais espaço para ver outras camadas do personagem.*



Taion, marcador e aquarela em papel canson, 2020.

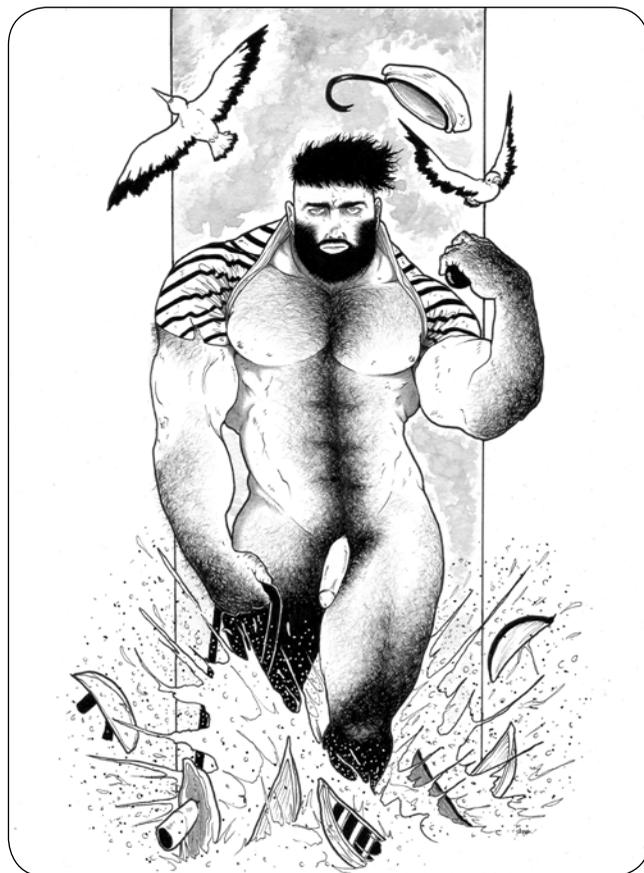
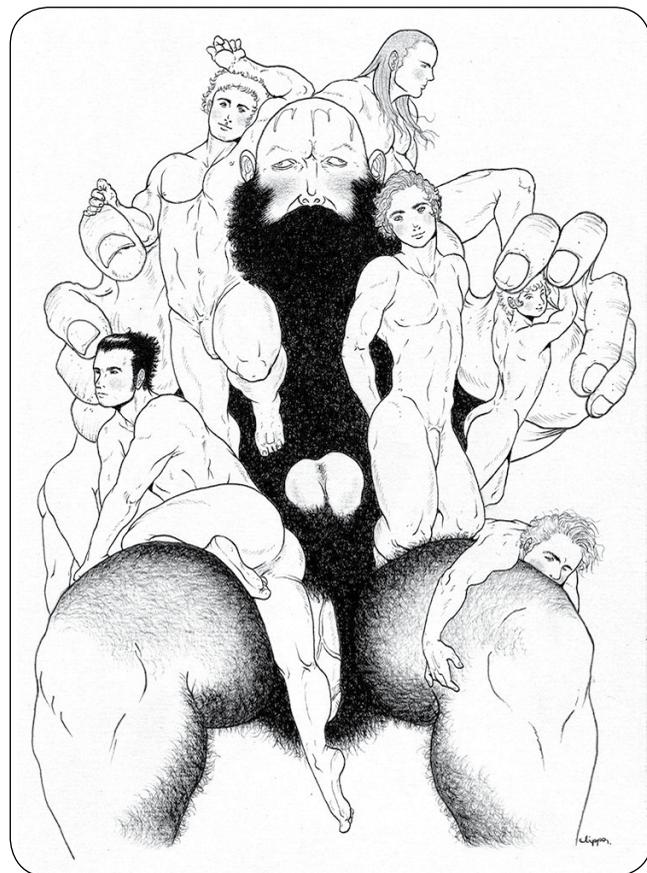


Zelador, nanquim e marcador em papel canson, 2018.

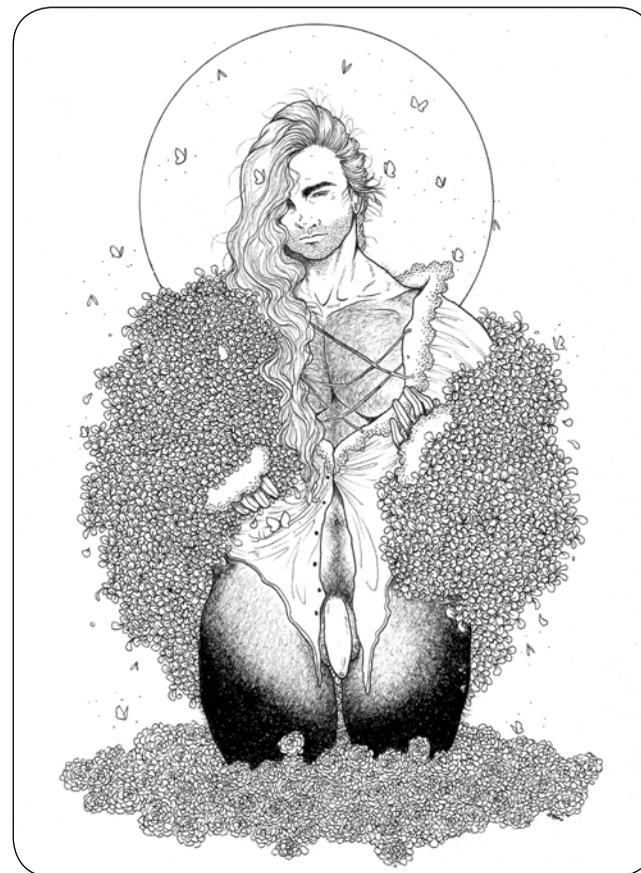


Pó de primavera, marcador, aquarela e lápis de cor em papel canson, 2018.

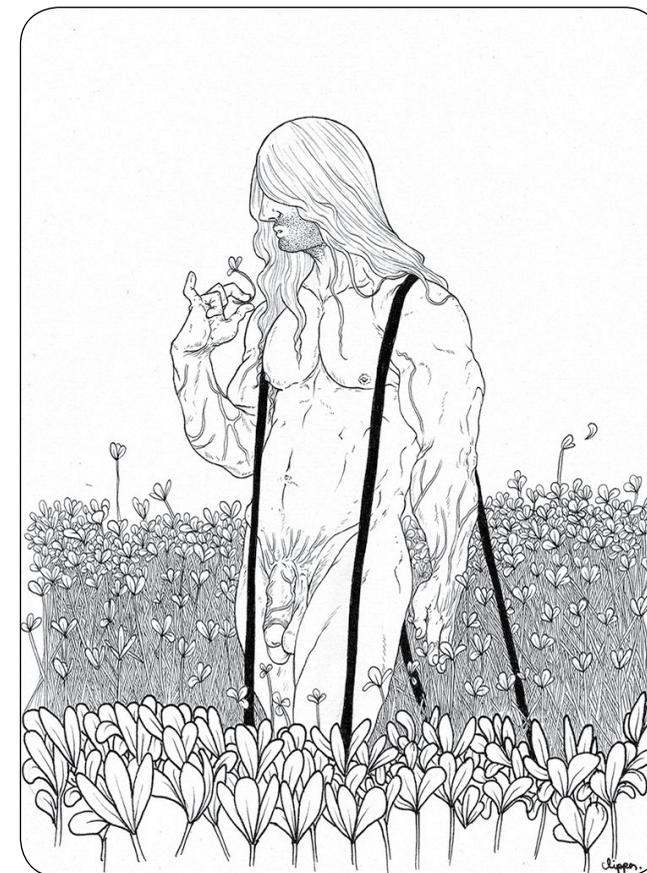
Alfa, nanquim e marcador em papel canson, 2018.



Tobias, nanquim, marcador gasto, grafite e aquarela em papel canson, 2019.

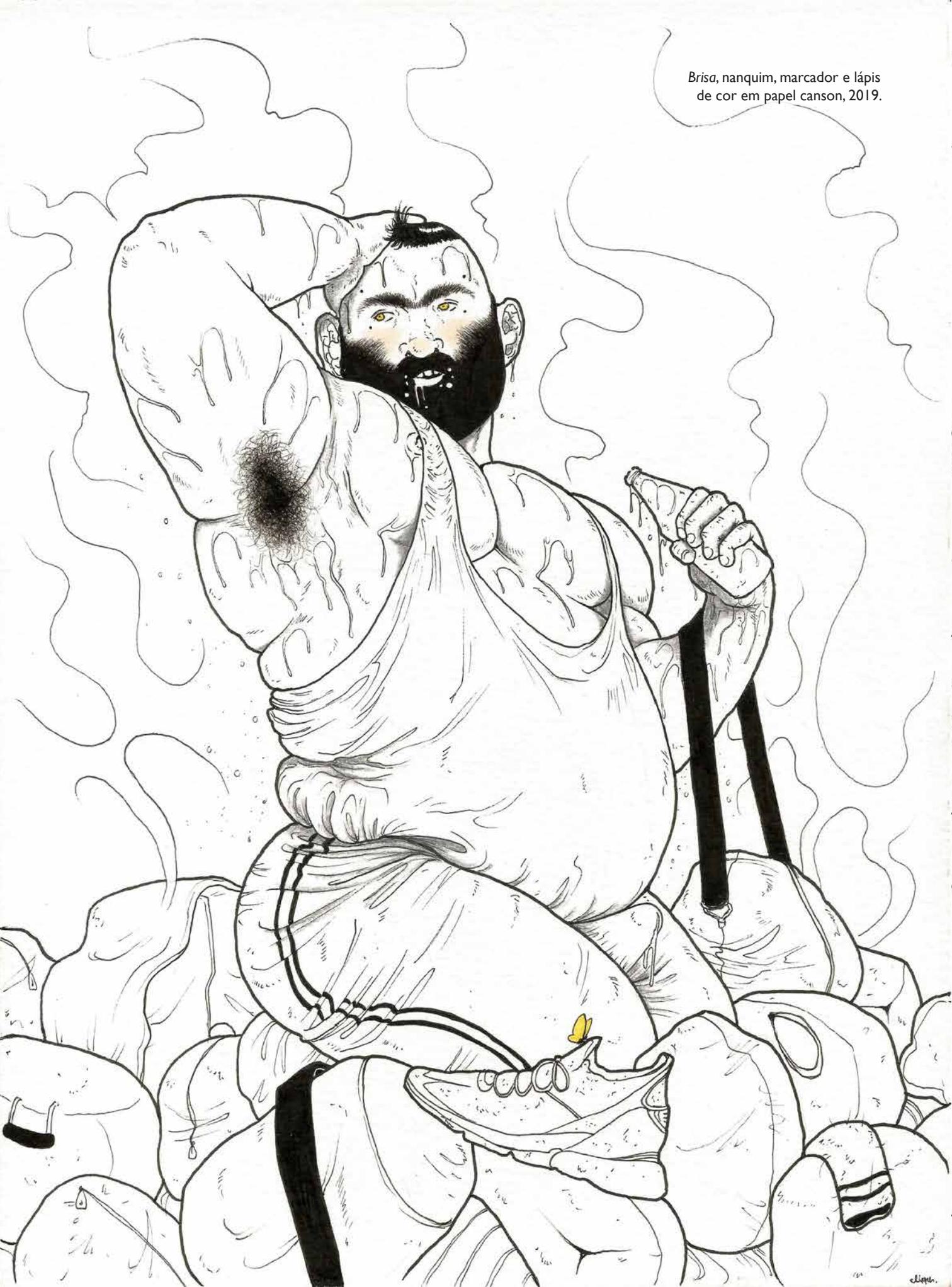


Brutus, nanquim e marcador em papel canson, 2019.



Belladonna, nanquim e grafite em papel canson, 2018.

Brisa, nanquim, marcador e lápis  
de cor em papel canson, 2019.



Torneio, nanquim e aquarela em papel canson, 2019.

Como leva muito tempo em uma ilustração, considera melhor trabalhar com sua própria mente (ou fotos) do que com modelos ao vivo. Deixa muito clara a influência de um estilo japonês em seus desenhos, especialmente o *ero guro*\* de Suehiro Maruo.

\* *Ero guro* é um gênero artístico japonês que se concentra no erotismo e no grotesco, criando situações surreais ou sangrentas. Suas raízes remontam a 1920, no Japão pré-Segunda Guerra, ainda hoje usado em mangás, filmes e até músicas.

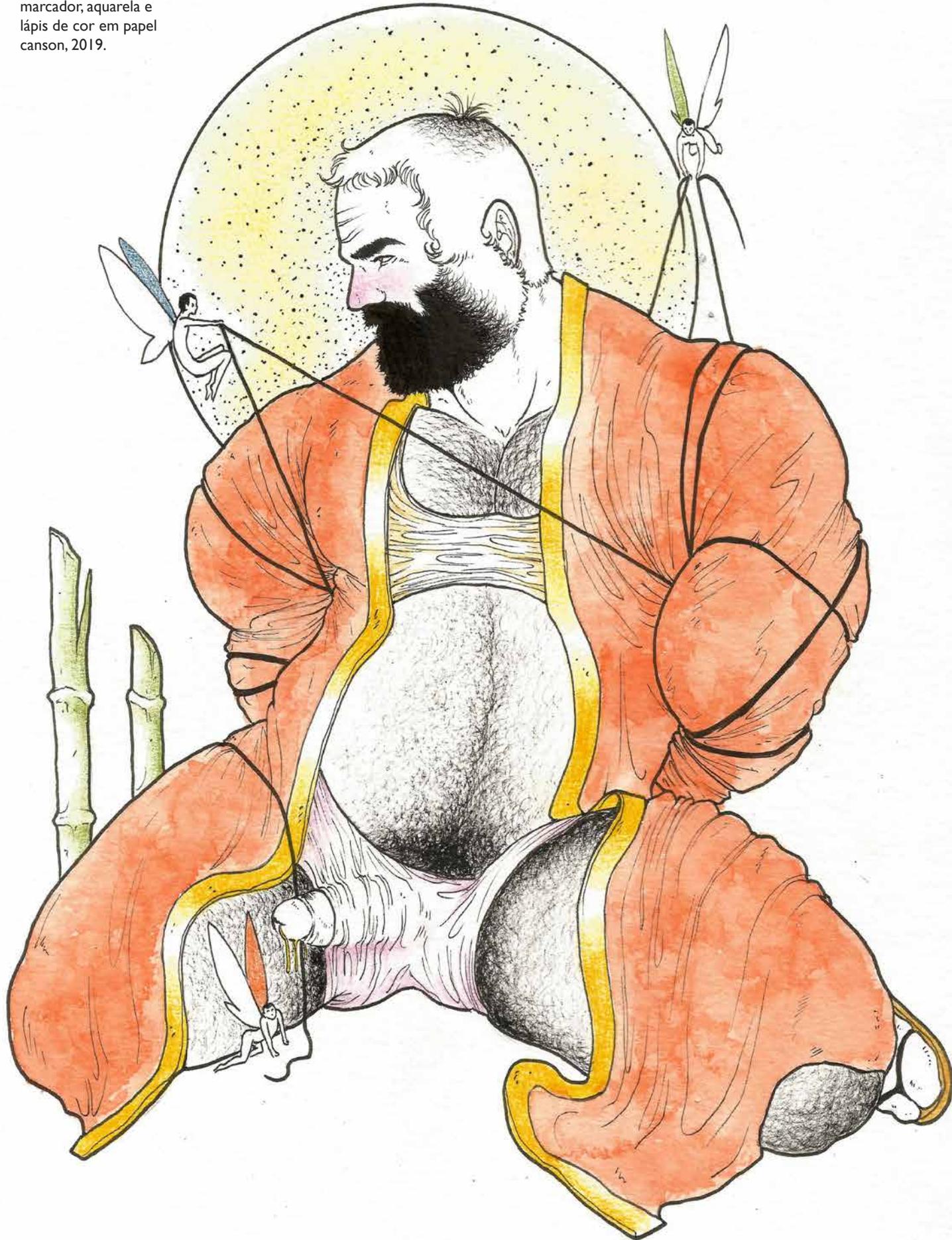


Ukiyo-e, nanquim chinês, marcador, aquarela e lápis de cor em papel canson, 2019.

Um pouco de gentileza, nanquim chinês, marcador, aquarela e lápis de cor em papel canson, 2019.



Eunbi, nanquim chinês, marcador, aquarela e lápis de cor em papel canson, 2019.

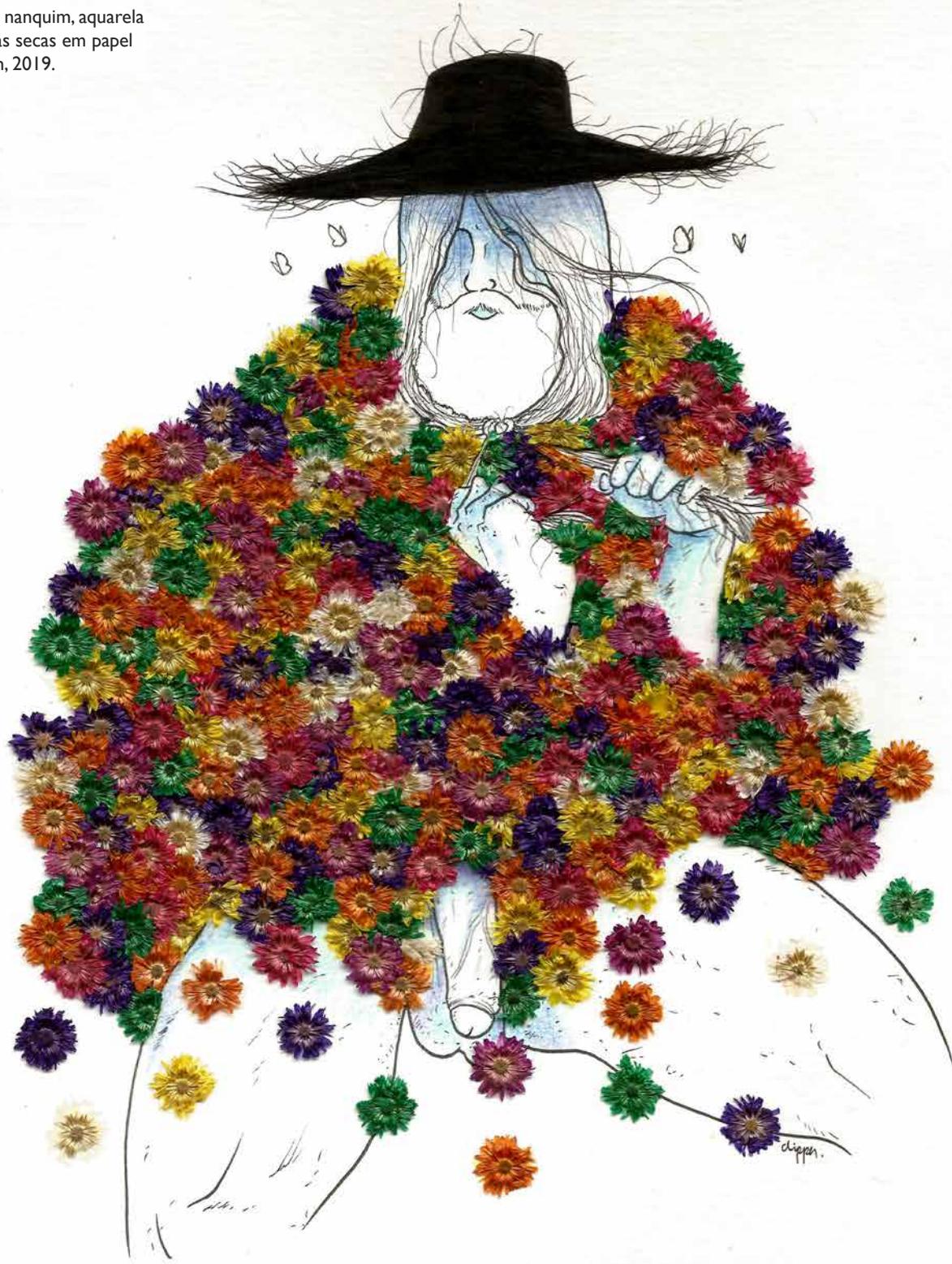


CMYK, nanquim e aquarela em papel canson, 2018.



De quando estudava Artes Visuais e Design Gráfico, mantive algumas inspirações, como a idéia de cores primárias criando milhões de possibilidades (usa o modelo de cores CMYK para impressão como parâmetro para seus trabalhos) ou luzes fortes e sombras duras para figuras frágeis com almas vigorosas (comum para fotógrafos de moda dos anos 1970).

Jardim, nanquim, aquarela e folhas secas em papel canson, 2019.



22

Max aconselha outros artistas a serem sinceros com suas habilidades, a acreditar e apreciar a linha que a mão faz, porque ela é muito pessoal. Também podemos ler isso como “deixe a criança dentro de você viver o presente, lentamente mas com certeza”. **8=D**



# Cirurgia plástica para você!



*Dr. Alcemar Maia Souto*

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 [alcemarmaiasouto@gmail.com](mailto:alcemarmaiasouto@gmail.com)

Anônimo (2019).

# Danilo Lima

por Filipe Chagas

**E**do poeta Ferreira Gullar a excelente frase “A arte existe porque a vida não basta”. E o baiano Danilo Lima entendeu isso quando, em seus anos de formação médica, decidiu pela oncologia e se aproximou da morte. Enxergou a urgência de se encontrar nas coisas que gostava e que tinha interesse sem buscar aprovação externa. Foi assim que a fotografia retornou à sua vida.

Com pais conservadores, Danilo tinha a fotografia como um escape. Ficava nas seções de fotografia de livrarias, admirando a obra de Herb Ritts, Bruce Weber, Mario Testino, Terry Richardson e David LaChapelle. Aos 17, entrou na faculdade de medicina e o excesso de estudo o distanciou daquele universo que o empolgava. Contudo, assim que se formou, comprou sua primeira câmera e começou a fotografar. De colegas à desconhecidos na rua, consumia com voracidade fotografia de propagandas masculinas e em blogs, criando um arquivo pessoal. Em 2013, criou um perfil anônimo no Instagram para postar as fotos desse arquivo, porém, após um ano e quase 10 mil seguidores, a censura chegou e deletou a conta.

Seu olhar foi se apurando e andava na rua imaginando como fotografaria os homens. Testou suas habilidades com um ex-namorado e decidiu finalmente investir em um curso e numa câmera profissional.

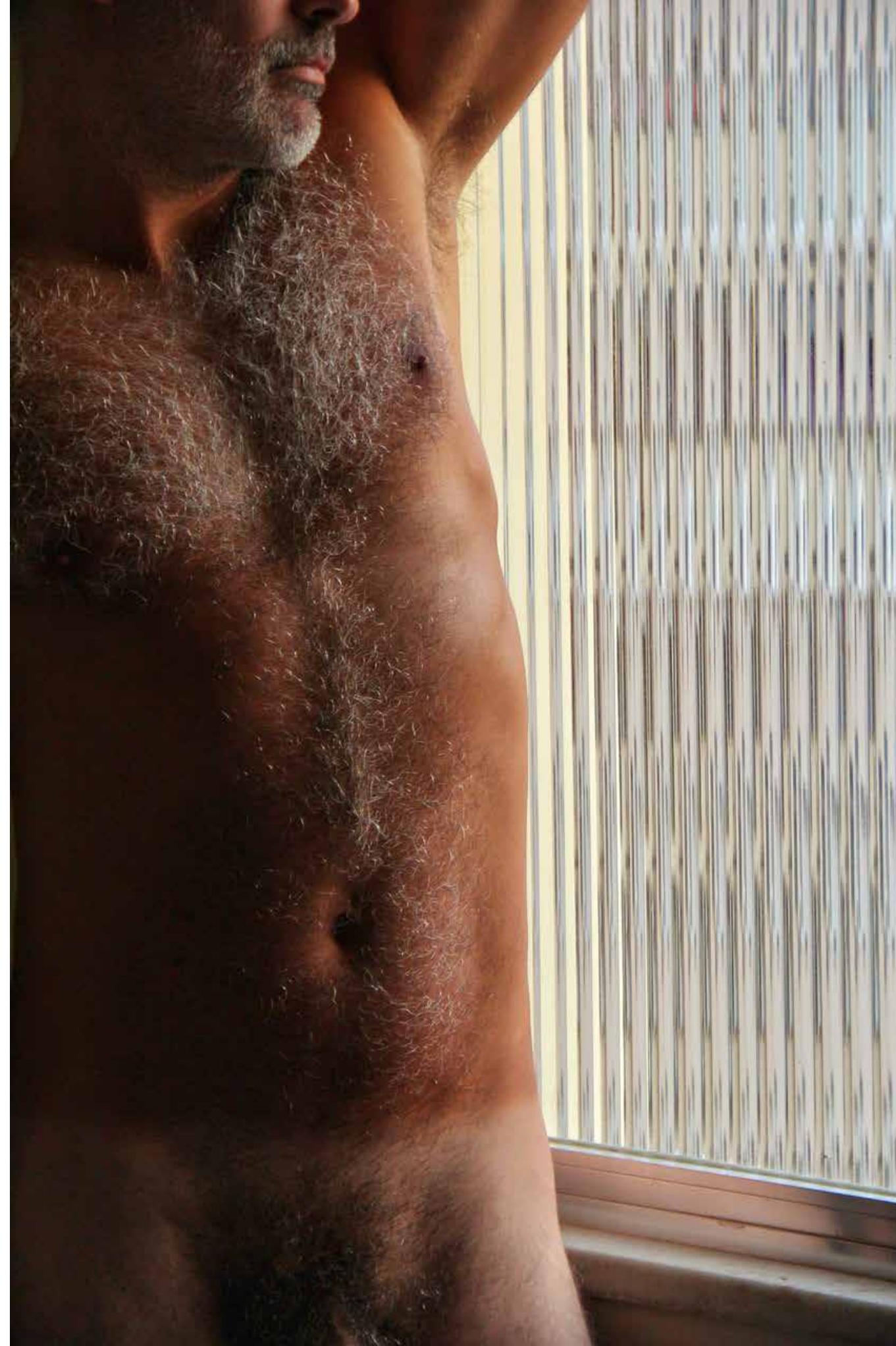
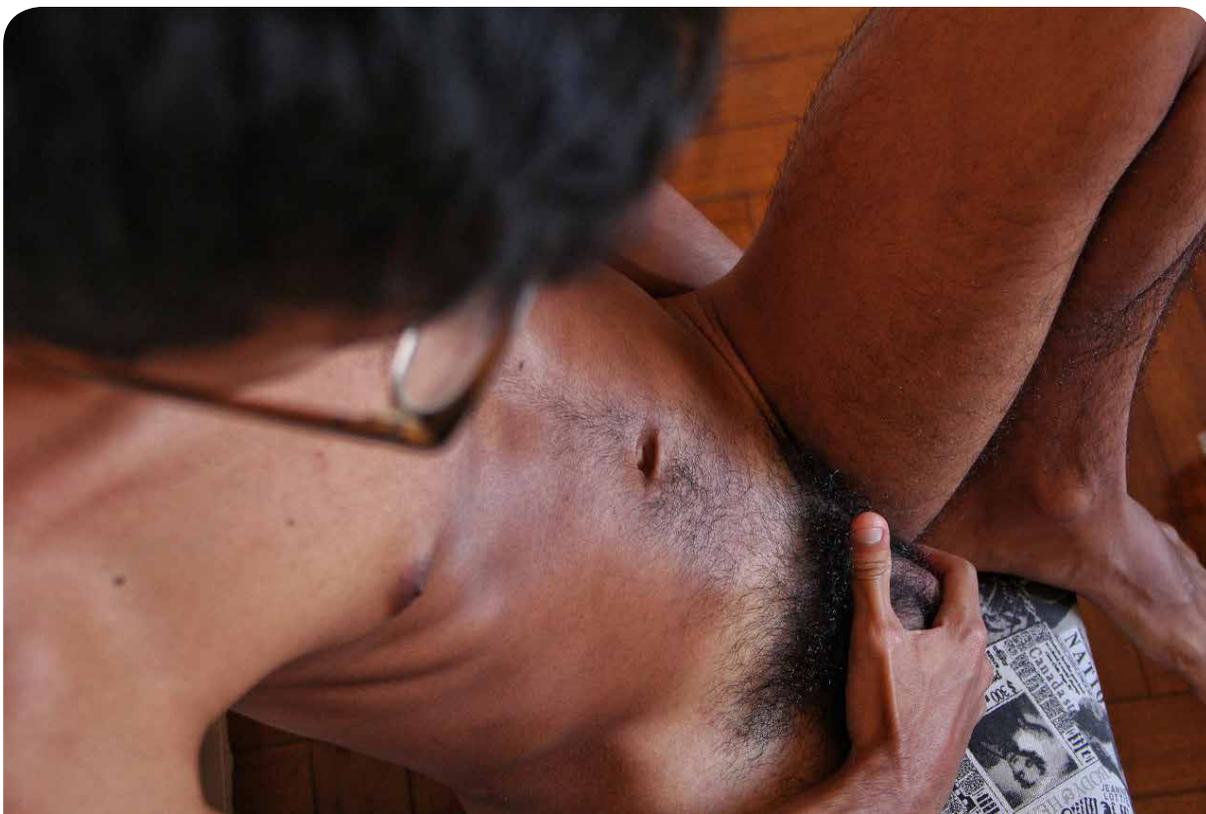


*Dentro do metrô posso ter uma ideia; anoto no celular, outras horas vendo um filme... Mas geralmente quando vou fazer uma sessão fotográfica, estudo as fotografias que o boy tem no Instagram e já penso nos detalhes que me chamam atenção e pretendo ressaltar.*

Acima: Daniel (2019).

Na página ao lado: Anônimo (2018).

Abaixo: Anônimo (2019).



Leonardo, Duda e João (2019).



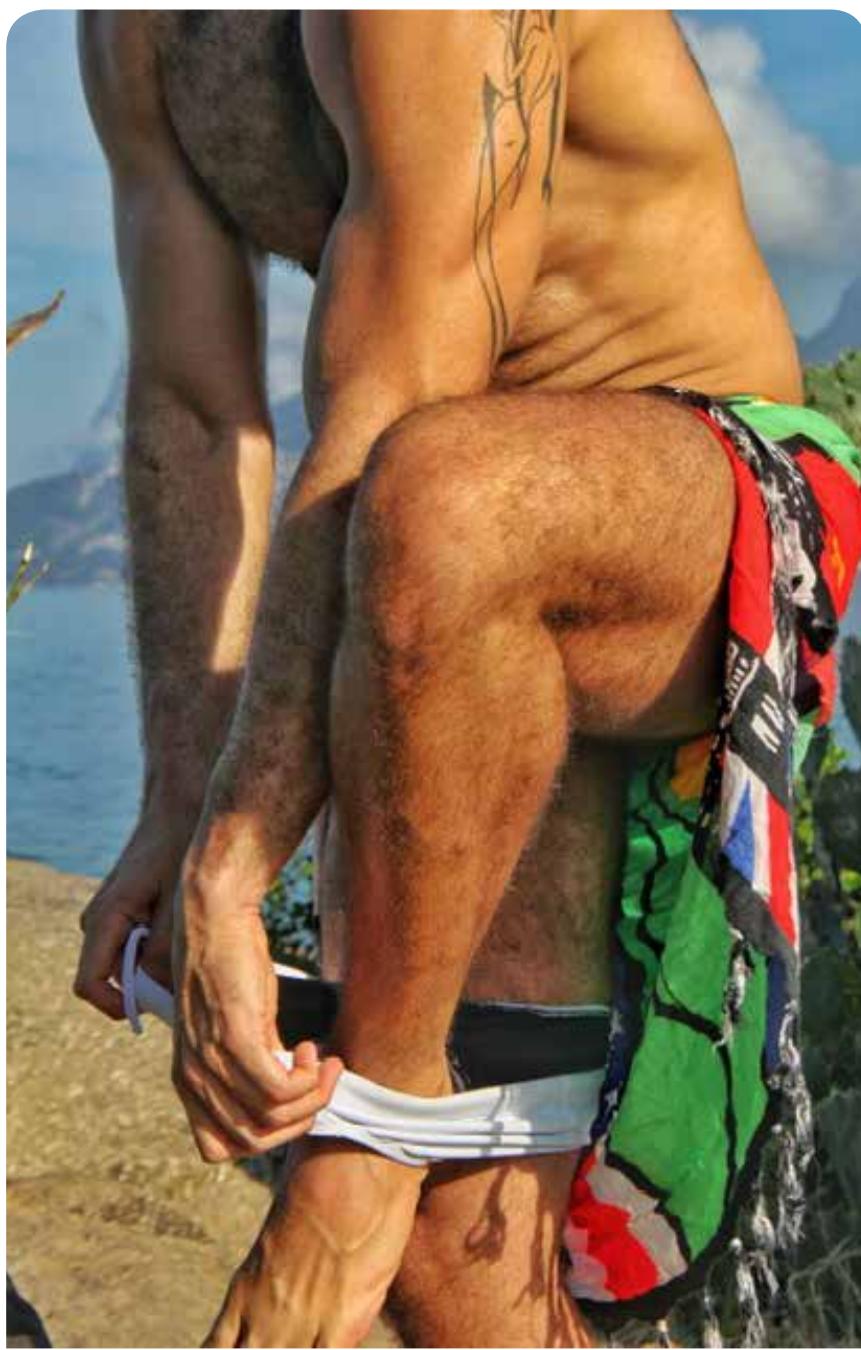
Quando começou a notar que as pessoas sentiam emoção ao ver suas fotos, resolveu voltar a internet. Primeiro criou um perfil no Grindr onde encontraria modelos voluntários. Em seguida, criou um novo perfil no Instagram, mas foi novamente deletado. Em 2018, chegou a ideia do projeto Clanndestinos - que faz dois anos - onde enfrenta o preconceito de sua profissão formal:

*As pessoas sempre falam: “Mas isso é só pra putaria, né? Você, um médico, tem coragem de fotografar homem nu?” Minha resposta é: “Quer opinar? Pegue um boleto meu pra pagar. Quanto mais caro, mais opinião pode dar.”*

Embora fotógrafos, como Rick Day, Paul Freeman e Janssem Cardoso, além de Caetano Veloso, Madonna, Zé Celso, Foucault, Rita Von Hunty, Martha Medeiros, Greta Thunberg façam parte do diverso caldeirão de inspirações de Danilo, seu trabalho vai de encontro direto ao do fotógrafo brasileiro Alair Gomes (1921-1992, leia a terceira edição). É como se o olhar voyeurístico de Alair tivesse finalmente conseguido o que o fotógrafo sempre tentou: se aproximar realmente dos modelos. Enquanto Alair fotografava ao longe com desejos, receios e medos, Danilo parece entrar na intimidade dos modelos ao se mostrar sem defesas:

*Sempre que tiro uma foto enxergo um pedaço meu. Meu olhar é de identidade.*

Sequência: Renan (2019).





Deixa claro que seu processo criativo envolve confiança e empatia, já que tanto o fotografado quanto ele mesmo são pessoas com vulnerabilidades e vivências que podem estar num dia ruim. Independente da orientação sexual, a ideia é criar uma relação tão boa que confissões são feitas e o conceito criado originalmente acaba mudando.

O fato das Artes em geral explorarem à exaustão o corpo feminino enquanto esconde a nudez frontal masculina sempre intrigou Danilo que tem o corpo do homem como objeto de admiração. Esses tabus sociais dificultam seu trabalho, uma vez que alguns modelos não aceitam a nudez total.

*Pergunto antes se tem alguma restrição. O principal pra mim é não agredir o outro. Fotografo naturalmente, mesmo que o modelo esteja excitado. Por questões técnicas, prefiro fotografar o pau relaxado porque a ereção exige urgência de captura. Então, vejo tudo isso como um processo de terapia: um passo por vez.*



**Onde encontrar masculinidade, eu me interessou.**

Na página anterior: Vinícius (2019).

Acima: Daniel (2019).

Ao lado: Marcelo (2018)



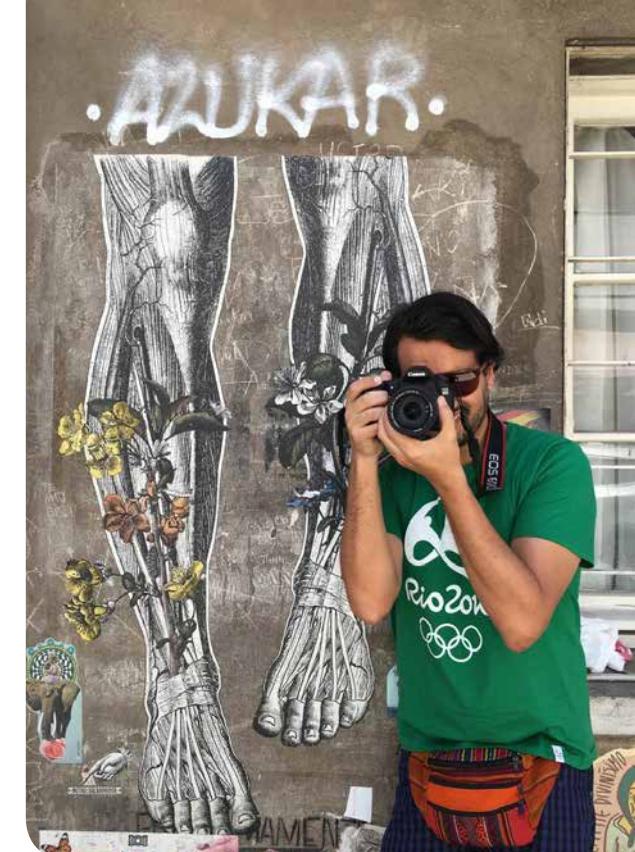
Rafael (2019).



Ítalo (2018).



Danilo mantém um discurso perseverante de continuar enfrentando os preconceitos através de sua fotografia. Vê alguma evolução na forma como a nudez masculina tem sido percebida a partir do grande número de projetos sobre o tema que surgiram nos últimos anos. Então, pretende lançar um livro de seu projeto sem censuras para continuar mostrando a beleza infindável do homem, feminino ou masculino. **8=D**



Danilo em ação.

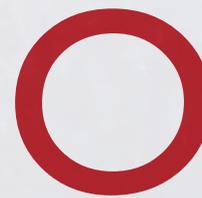
Na página anterior: Anônimo (2019).

Abaixo: Anônimo (2019).



# Dmitry Bitjukov

por Filipe Chagas



tema principal da arte de Dmitry Bitjukov é a beleza do corpo masculino, o amor gay e a sexualidade saturados de erotismo e paixão. Começou cedo (“provavelmente na minha adolescência”) quando estudou em uma escola de arte em Riga, capital da Letônia, desenhando diferentes personagens de games de fantasia, tanto masculinos quanto femininos, muitas vezes seminus e eróticos. Sempre interessado em áreas de criatividade, Dmitry formou-se em Design de Interiores.

Percebeu que o início dos anos 2000 trouxeram mais liberdade e a nudez parecia já não chocar tanto. O dono de uma galeria holandesa chegou a se interessar por seus trabalhos, mas sabe que algo está mudando agora:

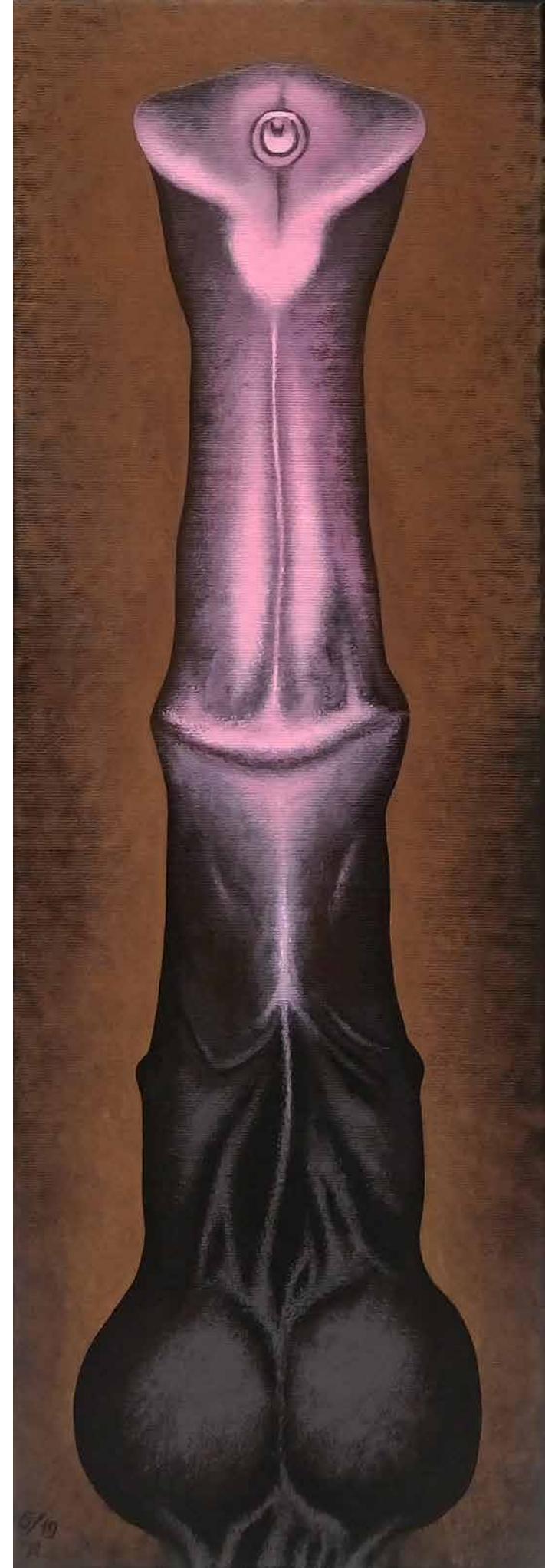
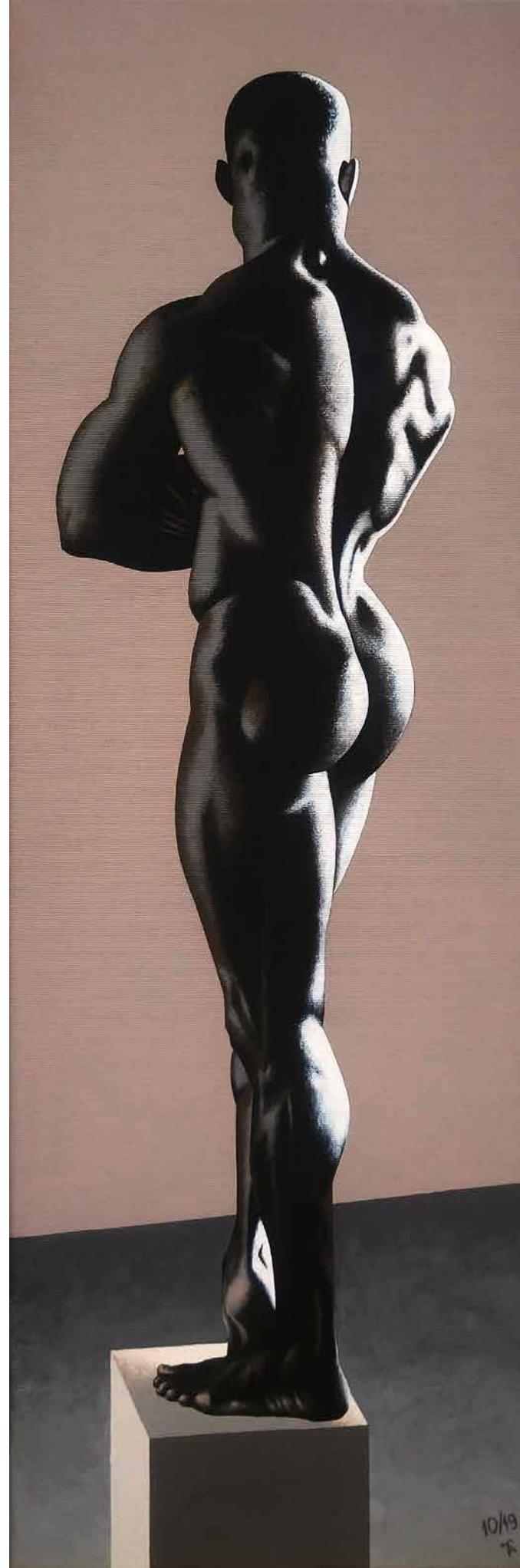
*Parece-me que uma certa puritanização da sociedade está ocorrendo, e isso está relacionado não apenas ao corpo masculino, mas também à nudez em geral. Religião, conservadorismo e nacionalismo dão suas marcas.*

Artistas como Sergey Sovkov, Douglas Simonson, Enrique Toribio e Troy Schooneman incorporam o que ele busca. Mostram que suas inspirações vêm de várias fontes, do Renascimento à pornografia contemporânea, porque gosta de mudar a maneira como trabalha. O estilo de Dmitry é baseado principalmente em tinta acrílica e aquarela para criar uma combinação de cores suaves e difusas com linhas gráficas claras e precisas.

*Tristeza, acrílica sobre tela (2019).*



Página ao lado:  
*Cubo e Símbolo de masculinidade*, ambos em acrílica sobre tela (2019).

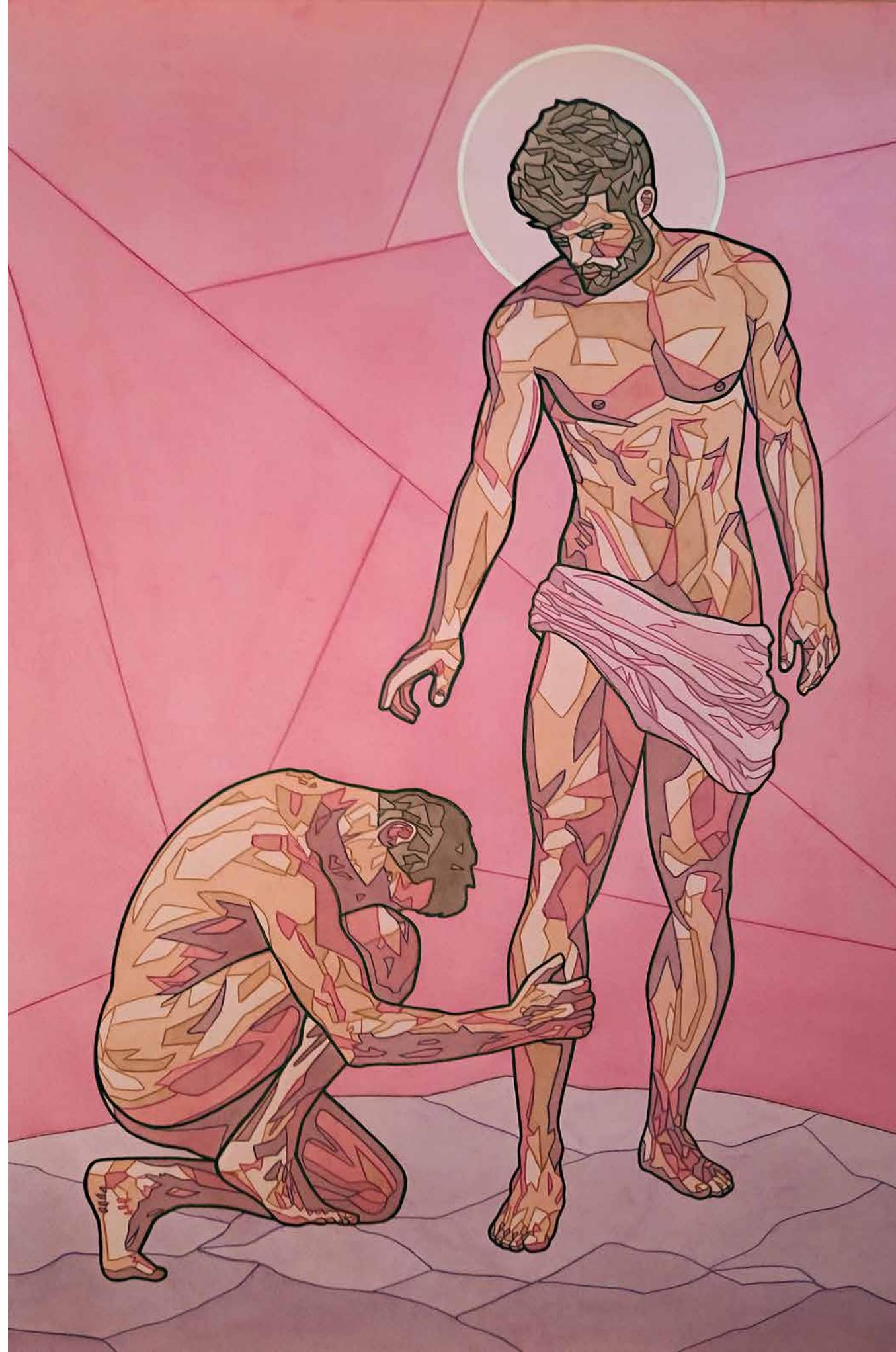
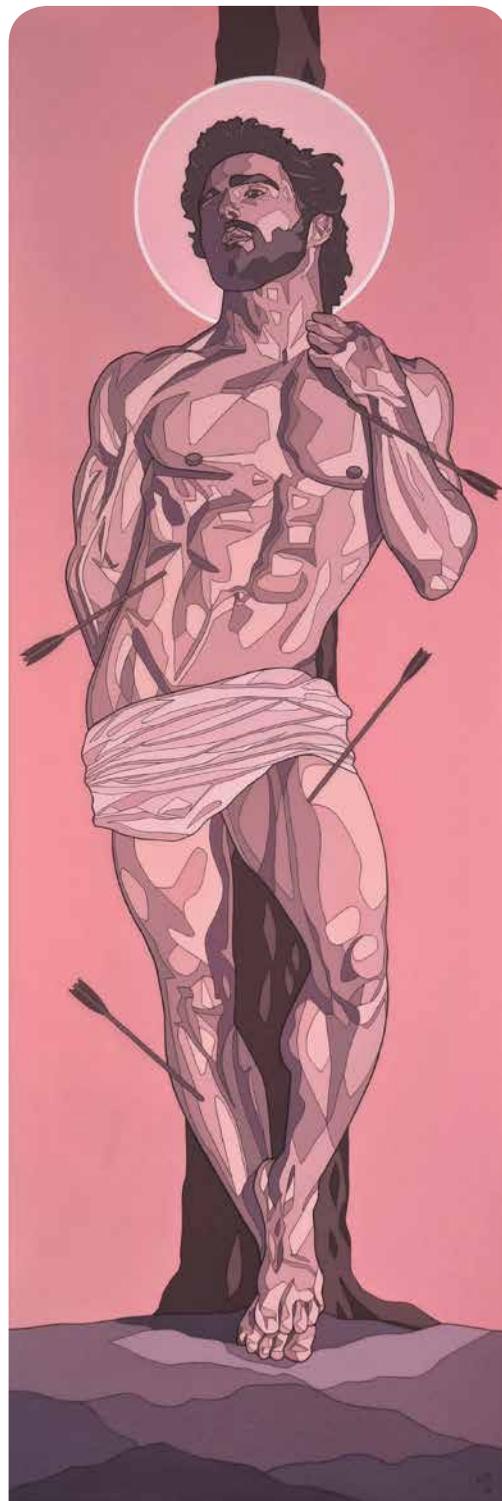
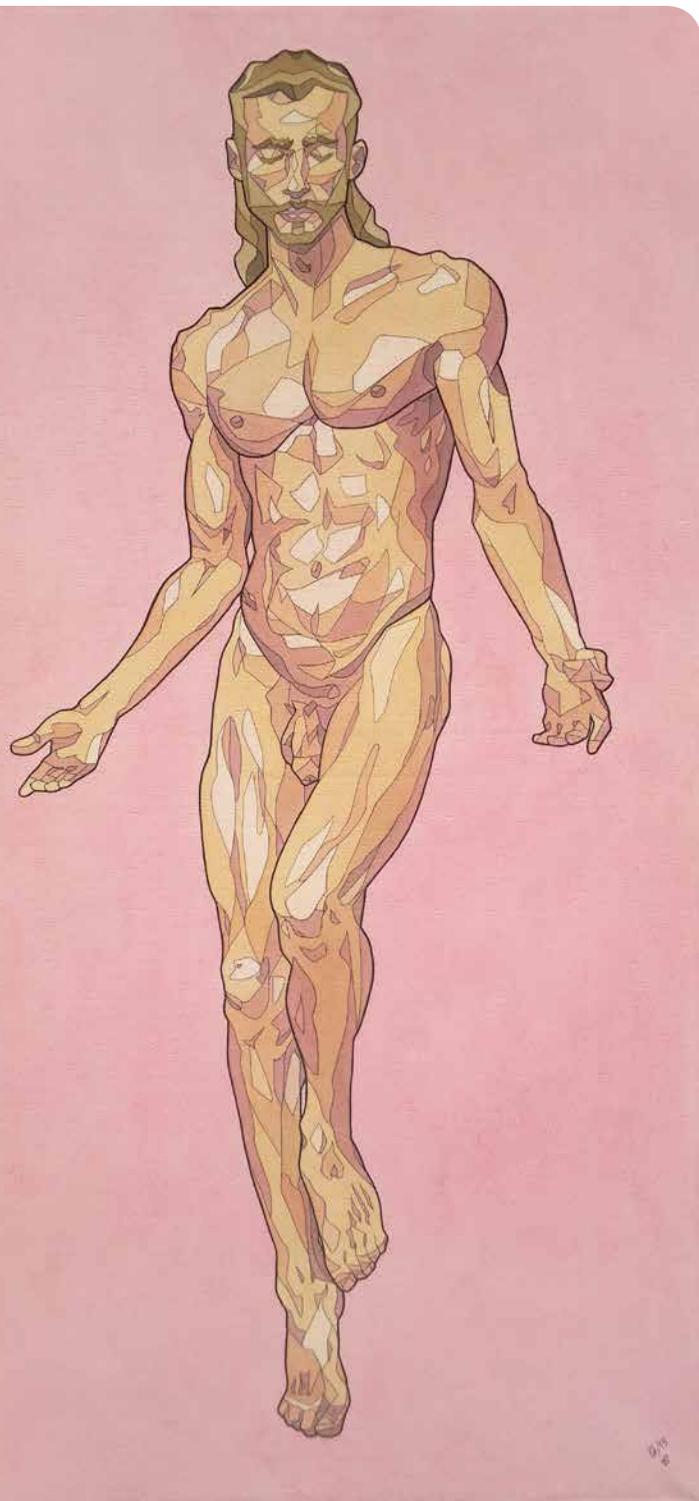


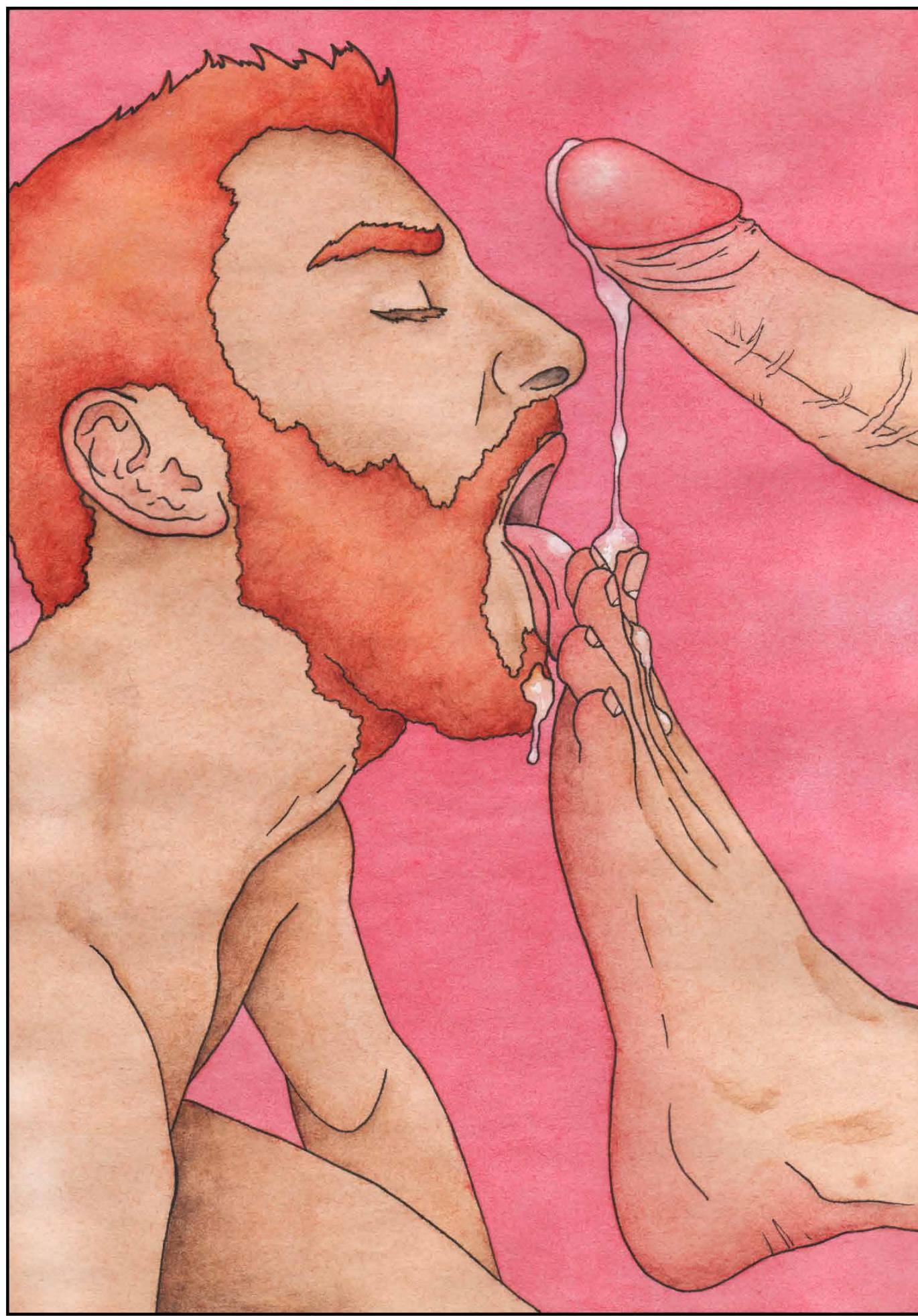
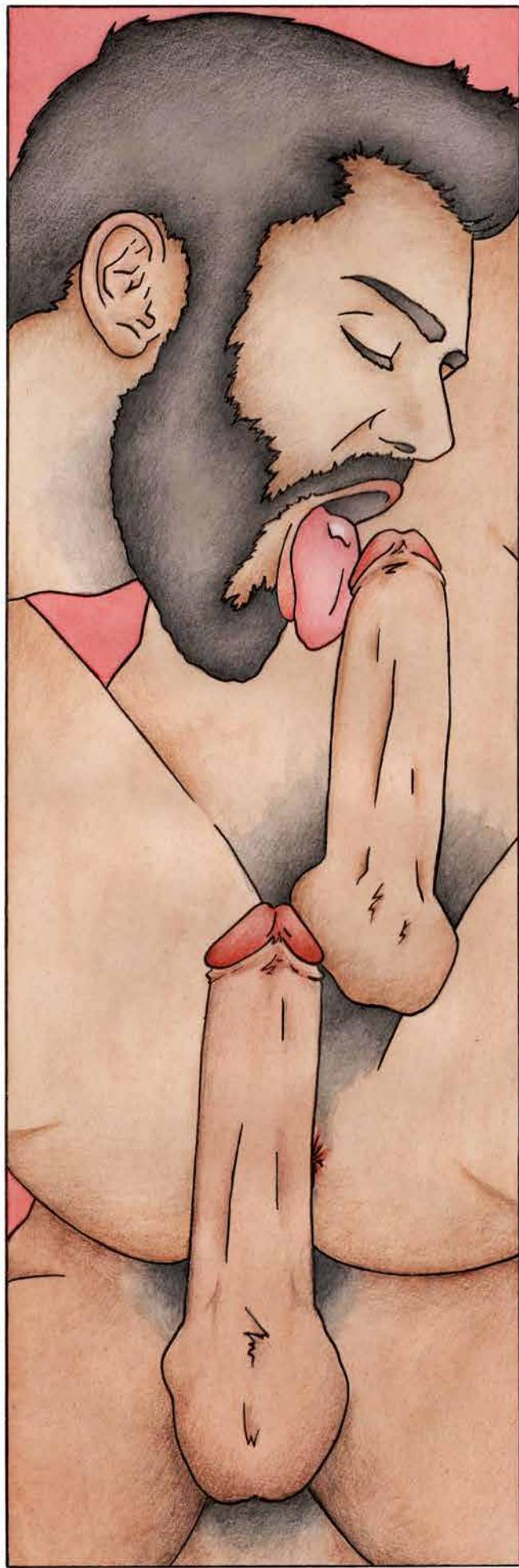
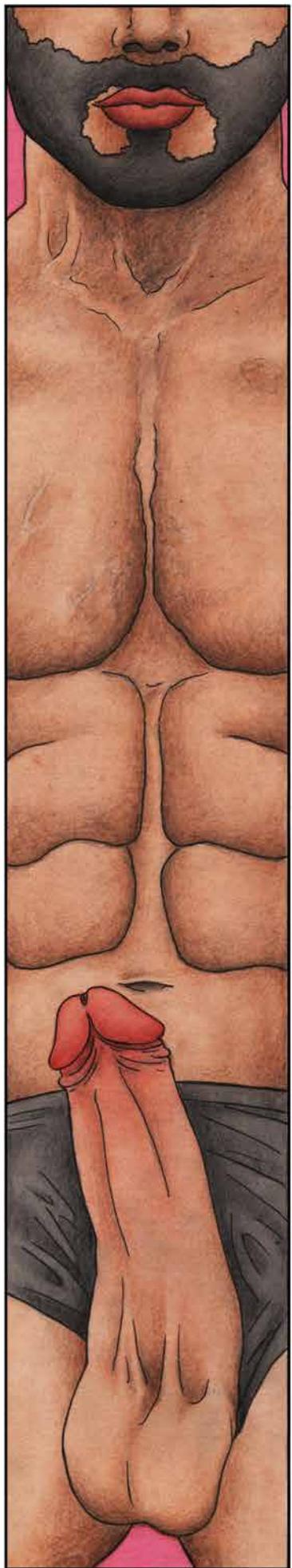
Ele tem uma série de pinturas que se assemelham a vitrais sobre temas religiosos, mas sem se afastar de seu tema principal (“sonho em decorar uma igreja”). Como não tem um estúdio para trabalhar com modelo vivo, geralmente uma ideia, uma imagem em sua cabeça, se transforma em um esboço. Então ele a deixa “amadurecer” pelo tempo necessário (“pode durar vários dias e, às vezes, meio ano ou mais”).

Abaixo:  
*Dmitry* (2015) e *São Sebastião* (2018),  
ambos em acrílica sobre tela.

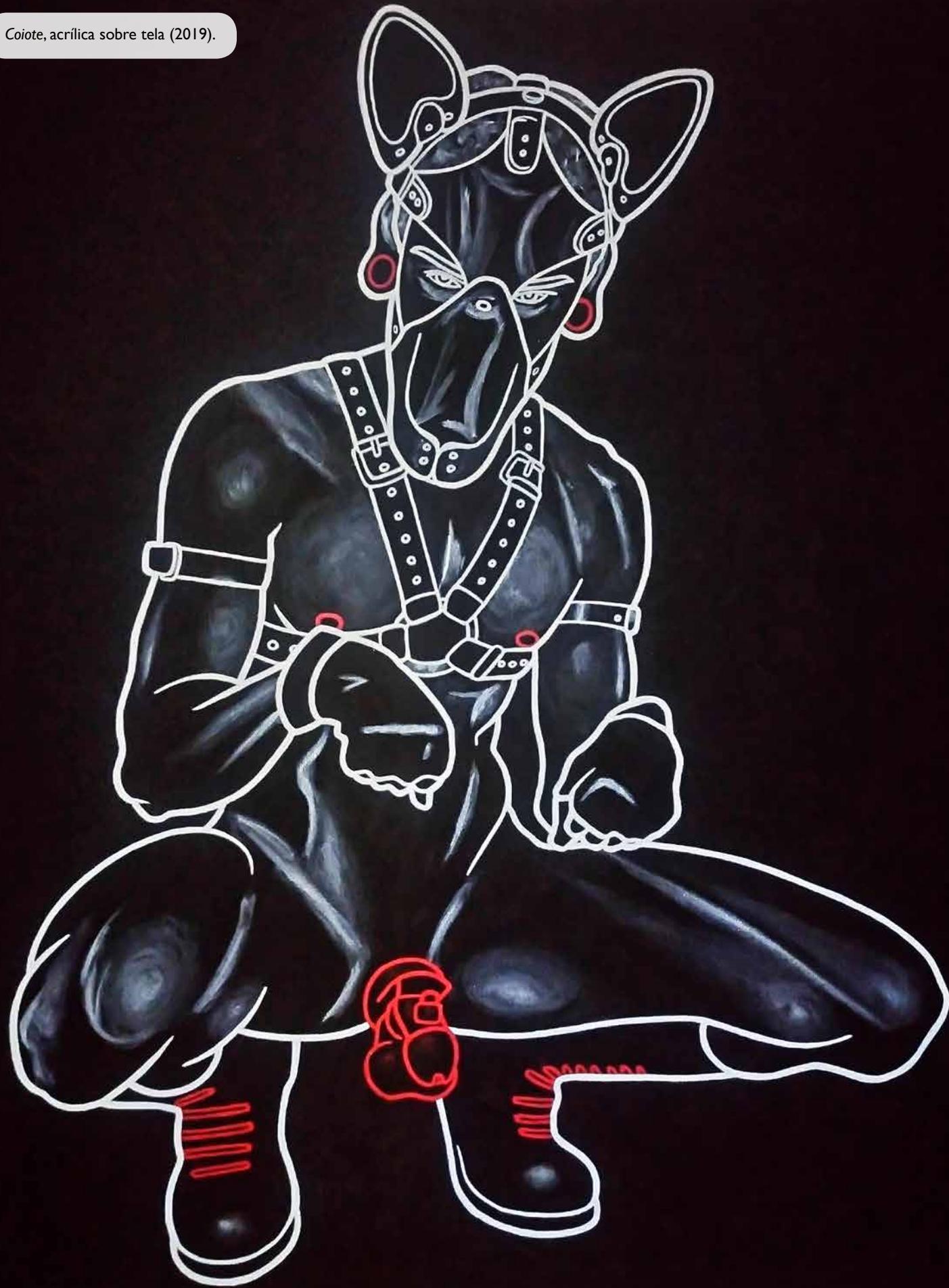
Página ao lado:  
*Santo Pantaleão*, aquarela, nanquim e  
acrílica sobre tela (2018).

Páginas seguintes:  
*Composição n°8* (2014), *Composição*  
*n° 4* (2013), *Composição n° 11* (2015),  
*Composição n° 1* (2013) e *Composição*  
*n° 9* (2015), todos aquarela, nanquim  
e acrílica sobre tela.





Coiote, acrílica sobre tela (2019).



Cavaleiro, acrílica sobre tela (2018).



61/19  
A



Os torsos masculinos – peito e costas – concentram a beleza masculina que Dmitry gosta de retratar, mas também está interessado no pênis ereto:

*Eu o vejo de forma positiva. É mais pitoresco, tem mais detalhes. Cenas com ereção masculina ou relação sexual me atraem como artista.*

Tentando aperfeiçoar suas técnicas, planeja continuar com sua visão artística para elevar sua carreira a um novo nível. Seu lema deveria ser seguido por todos os artistas: “não tenha medo de experimentar”. **8=D**



Dmitry pintando músculos e seu autorretrato (2018) em acrílica.



*Gato de Praia*

*Para todas as cores.*

 @gato.de.praia

Modelo: Davi Barcelos

# Falo de História

por Filipe Chagas

# Egon Schiele

1890 - 1918



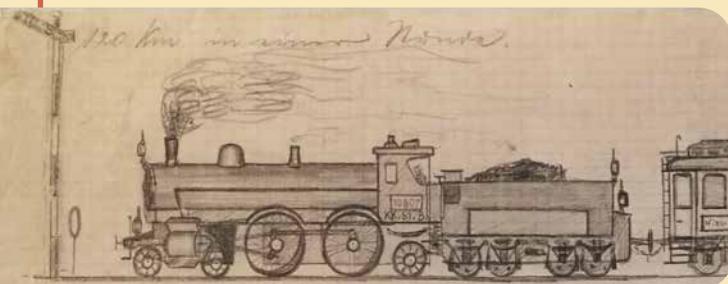
Autorretrato nu, 1916.

Egon  
Schiele  
1916

**E**m seus primeiros anos vivendo humildemente com sua família em um cruzamento ferroviário de uma pequena cidade austríaca, Egon Schiele (1890-1918) mostrou evidente talento para desenhos intrincados de locomotivas e trilhos. Porém, seu frustrado pai acabou destruindo seus cadernos de esboço ao ver que ele não estava interessado em seguir sua carreira de mestre de estação.



52



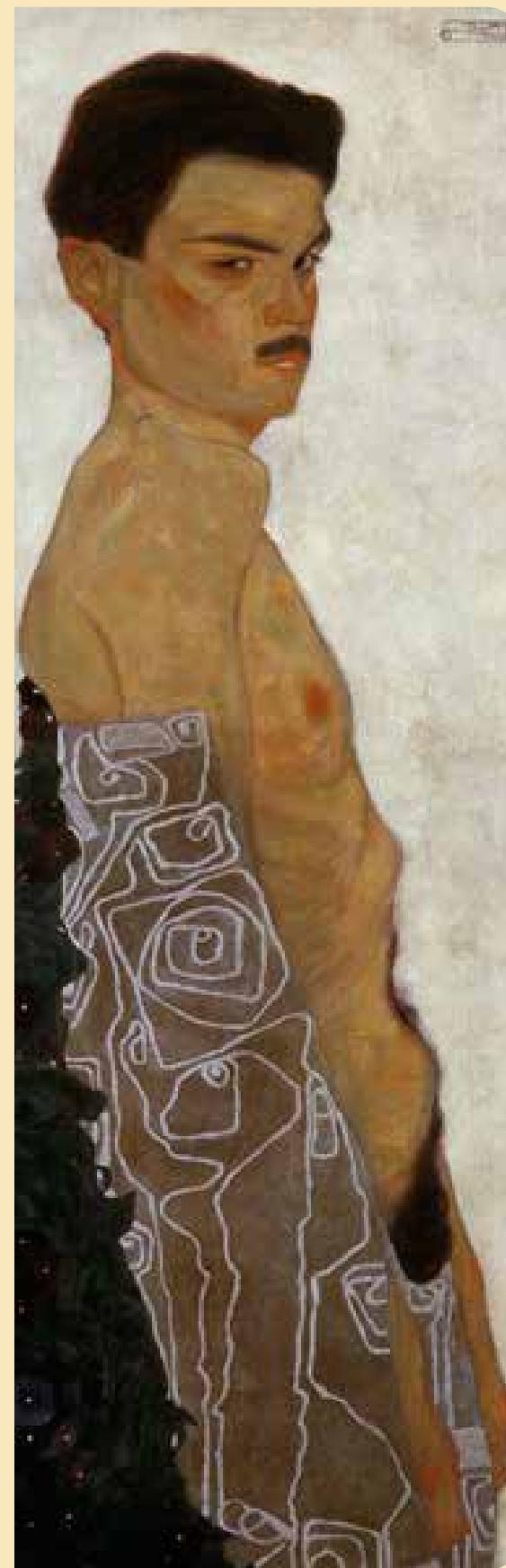
Esboços de seus cadernos, c.1900-1904.

Schiele foi uma criança tímida e reservada. Não ia muito bem nos estudos – somente em Artes e exercícios físicos – e acabava repetindo os anos. Aos 15 anos, Schiele viu seu pai ser considerado louco por conta da sífilis adquirida em bordéis. Muitos historiadores acreditam que o falecimento de seu pai em 1905 desbloqueou uma feroz curiosidade em torno da sexualidade e da mortalidade no jovem artista.

Contra a vontade de sua mãe, Schiele foi acolhido por um tio materno que reconheceu seu lado artístico e o matriculou em uma escola de artesanato estatal. Todavia, por insistência de vários professores, ele foi transferido para a tradicional Academia de Belas Artes de Viena em 1906. O rapaz



Autorretrato em grafite, 1906.



Autorretrato seminu com tecido drapeado, óleo e tinta metálica sobre tela, 1909.

rapidamente procurou os envolvidos com a *Secessão de Viena\** e acabou encontrando em Gustav Klimt um mentor e amigo. Impressionado com a intensidade do jovem, Klimt comprou seus trabalhos, apresentou-o a colecionadores e críticos importantes e arranjou-lhe modelos. São perceptíveis as cores e os traços alongados de Klimt na obra de Schiele entre 1907 e 1909.

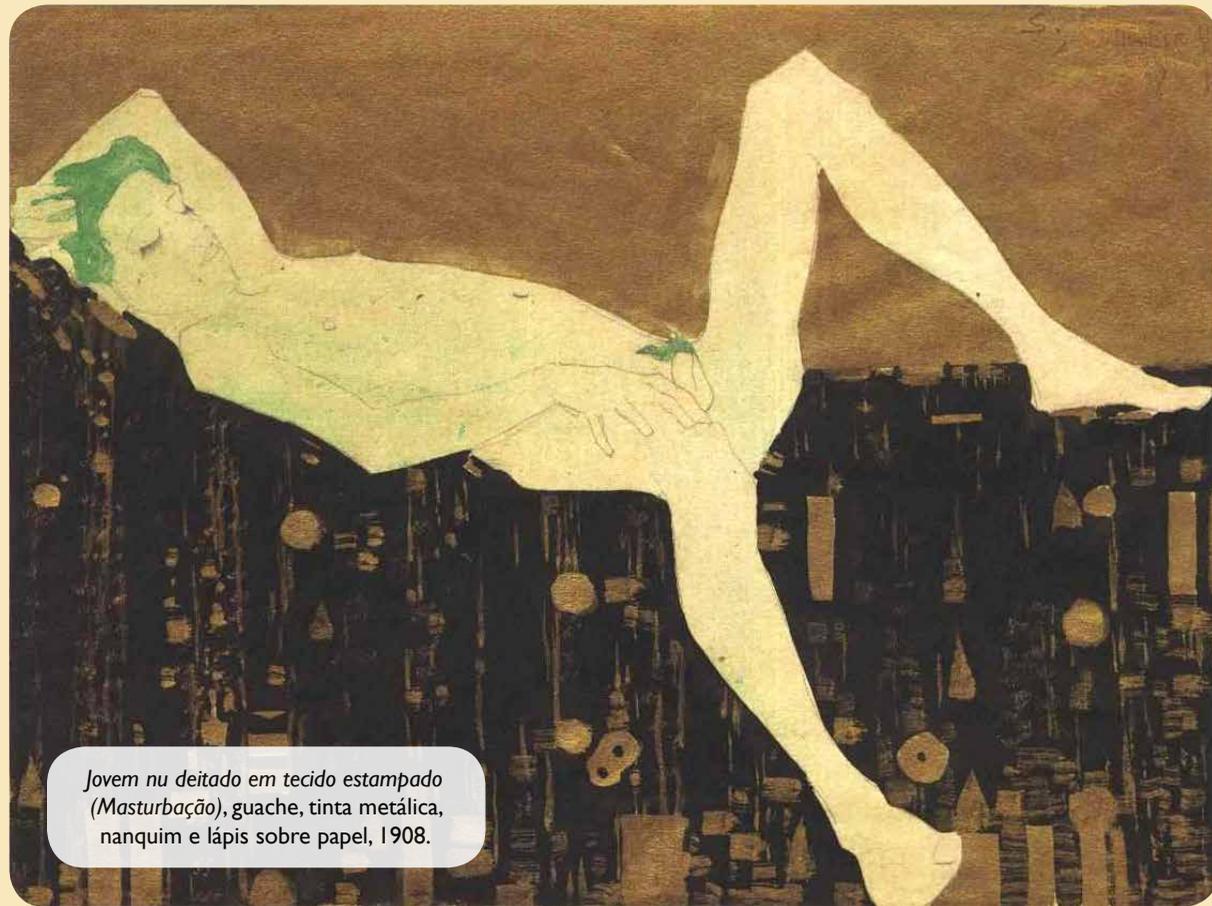
Insatisfeito com o conservadorismo da academia de arte, Schiele abandonou os estudos e, junto a outros colegas, como Max Oppenheimer e Oskar Kokochka, fundou o ambicioso *Neukunstgruppe* (Grupo Nova Arte, de qual escreveu o manifesto).



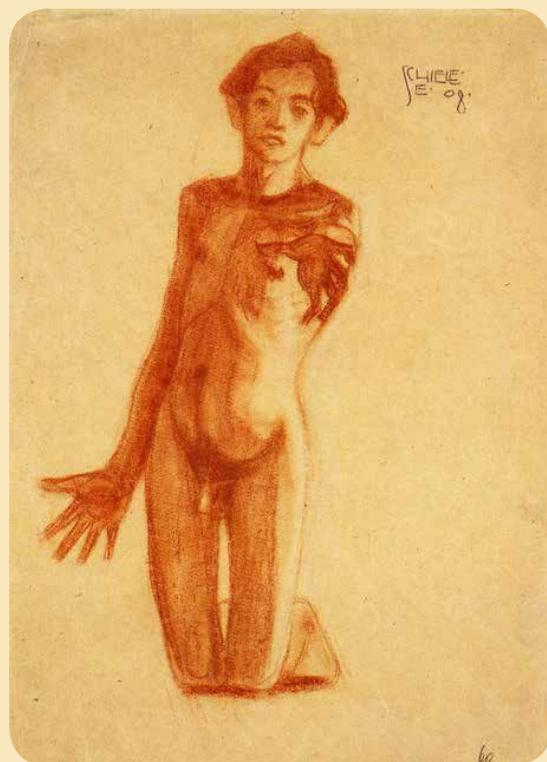
*Os eremitas*, óleo sobre tela, 1912. Acredita-se que seja um retrato em homenagem à amizade de Schiele e Klimt. A amizade entre os dois durou enquanto Klimt esteve vivo.

\* A *Secessão de Viena* (1897-1920) foi um movimento de um grupo de jovens artistas, designers e arquitetos austríacos, liderados por Gustav Klimt, que protestavam contra as normas tradicionais vindas da Cooperativa de Artistas de Artes Decorativas da Áustria. O manifesto do grupo, publicado na revista *Ver Sacrum* (veículo oficial do grupo), reconhecia a necessidade de unir a vida artística de Viena ao progresso da Arte em outros países (em especial, a Art Nouveau e os movimentos alemães), sem ficar somente em uma representação de interesses comerciais.

53



Jovem nu deitado em tecido estampado (Masturbação), guache, tinta metálica, nanquim e lápis sobre papel, 1908.



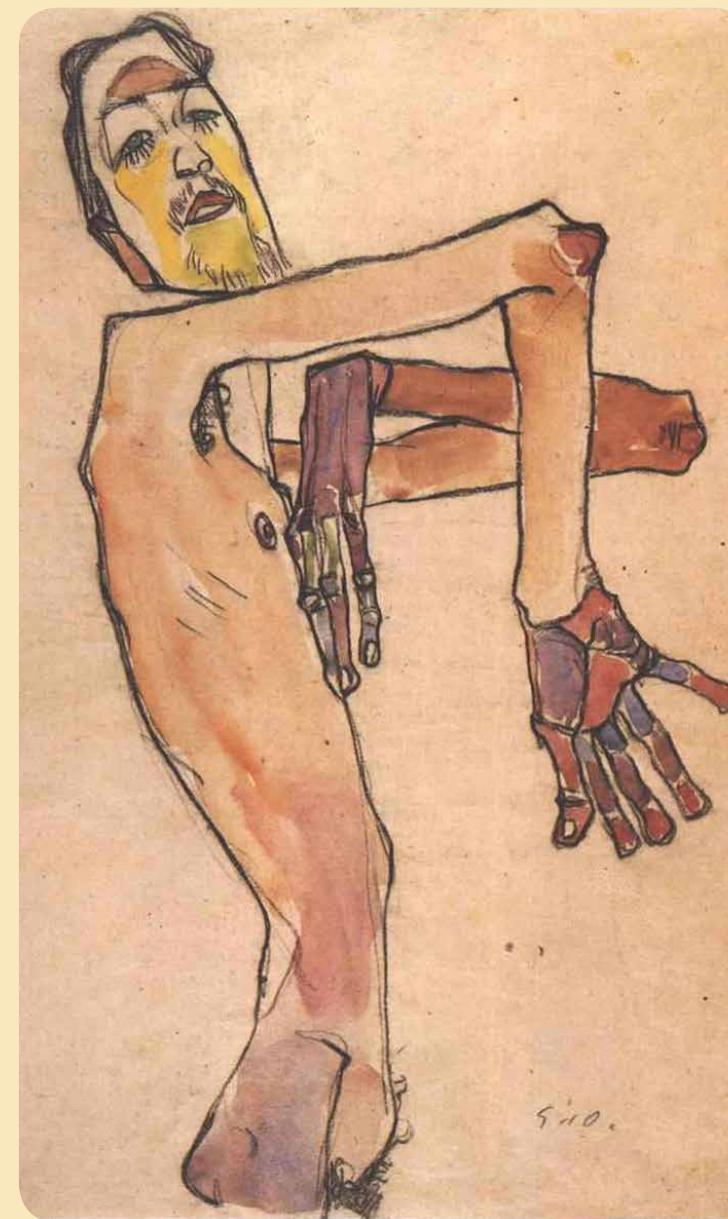
Jovem nu de joelhos, crayon sobre papel, 1908.



Estudo de nu (Autorretrato), óleo sobre cartão, 1908.

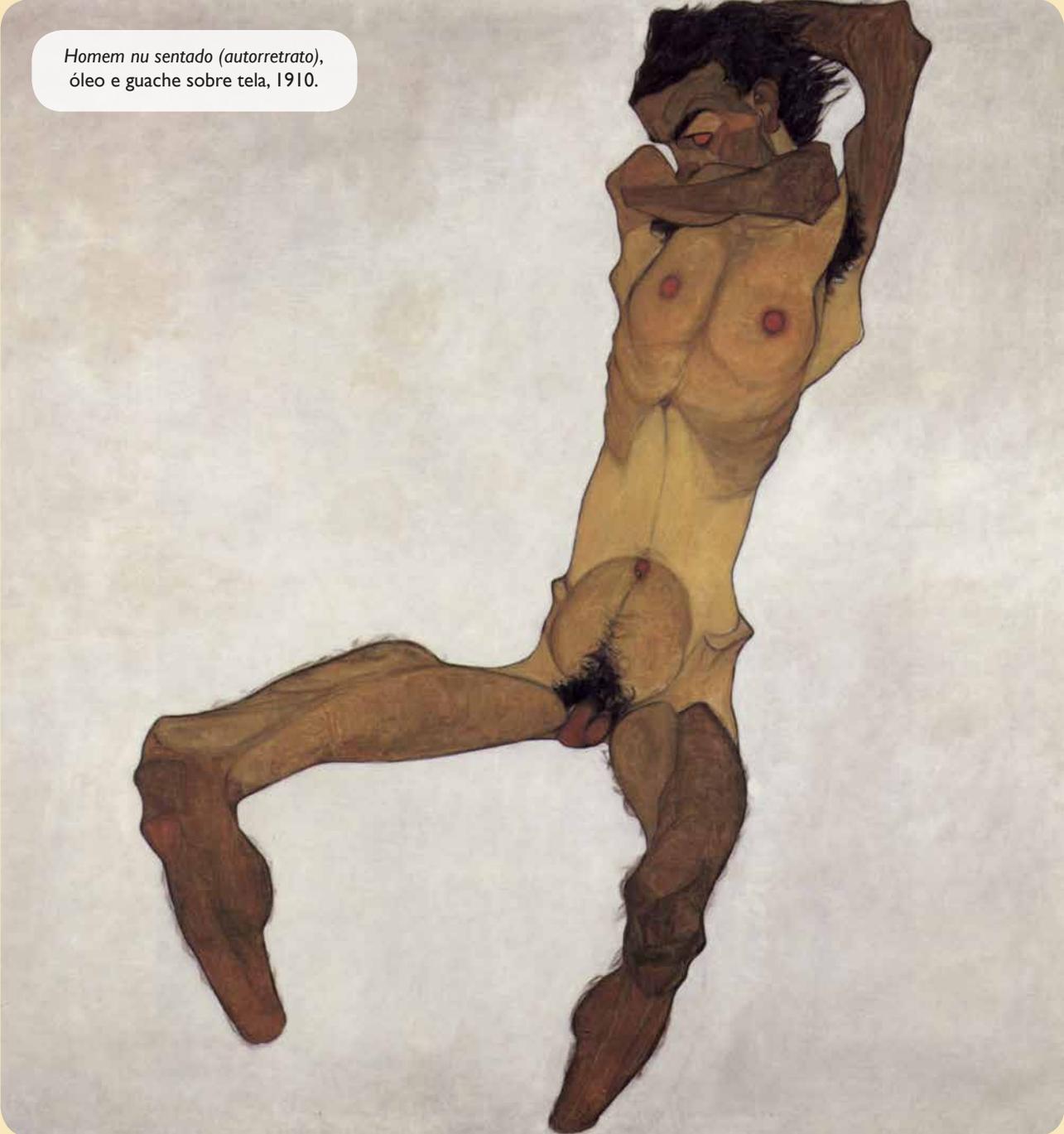


Mesmo tendo pintado inúmeras paisagens, nas primeiras exposições do grupo em 1909, começou a explorar a forma humana e foi através da nudez que criou uma marca inconfundível na pintura figurativa expressionista da época. Diferentemente de Klimt ou de Picasso, Schiele encarava a nudez sem tabus, carregada de musculaturas deformadas, extremidades contorcidas e erotismo exacerbado, fosse de mulheres ou de si mesmo, contemplando a nudez masculina e sua própria existência. Acredita-se que Schiele usou a técnica de desenho contínuo de Rodin para criar esboços fluidos. Essa técnica exigia contato visual constante com o modelo vivo, tornando o processo uma experiência bem mais íntima.



Acima: Mime van Olsen de braços cruzados, 1910. Ao lado: estudos de nu masculino (autorretratos) em aquarela e guache, 1910.

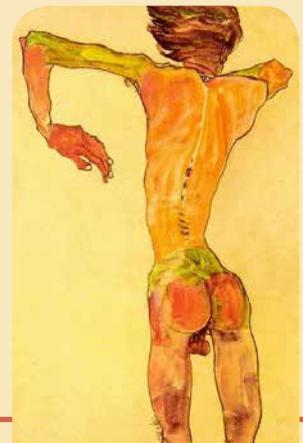
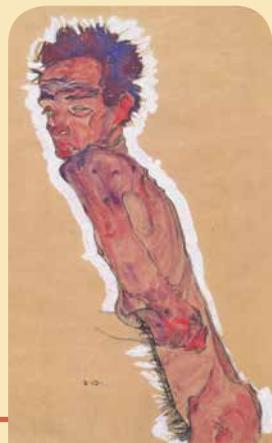
Viena estava sob o peso do pensamento pessimista da filosofia de Kierkegaard, Schopenhauer e Nietzsche, e também pelas emergentes teorias psicanalíticas de Sigmund Freud. Artistas por toda Europa – como Edvard Munch, Jan Toorop e Vincent van Gogh – expressavam o sentimento geral de angústia existencial perante a precariedade da condição humana e de sua irremediável finitude. Schiele passou a usar uma mistura ousada de cores (verde, vermelho, amarelo e laranja) para criar corpos quase antinaturais em tons emocionais. Os elementos decorativos foram totalmente substituídos por contornos exagerados e expressivos. Na segunda metade de 1910, Schiele ficou mais sombrio, tanto figurativamente quanto literalmente e o artista chegou a dizer: “meu trabalho tem valor somente para mim”.

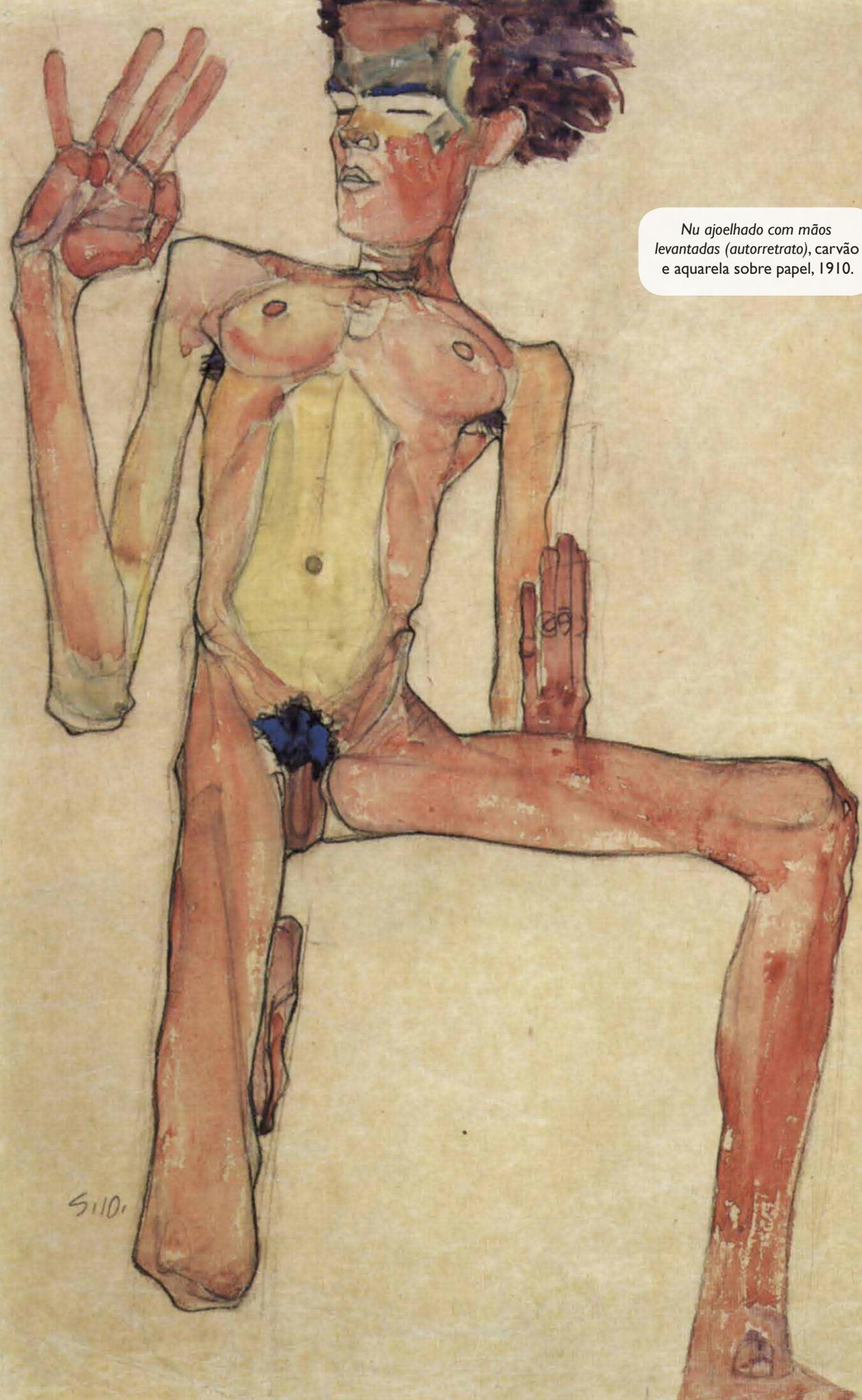


Ao lado: *Autorretrato nu, Nu masculino em pé de costas* e *Nu masculino em pé de costas com o braço levantado*.

Na página anterior: dois nus masculinos reclinados em aquarela e guache, *Torso inferior masculino* e *Torso sobre pano azul*.

Todas as obras em giz preto, aquarela e guache, 1910.





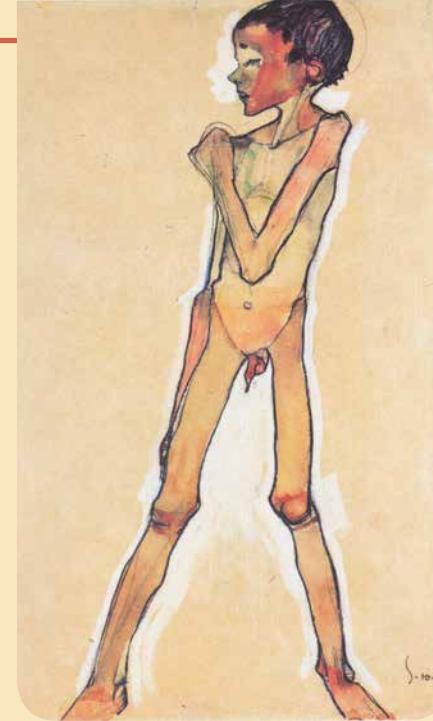
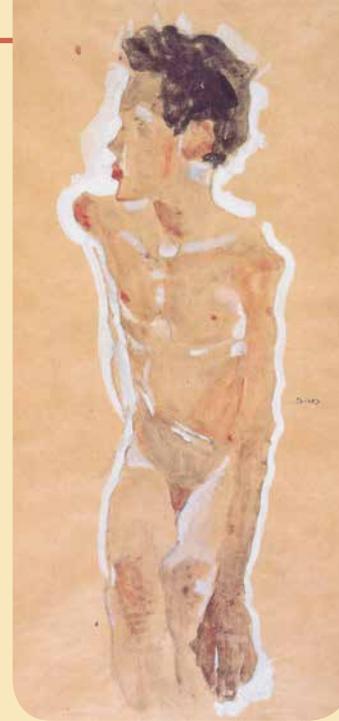
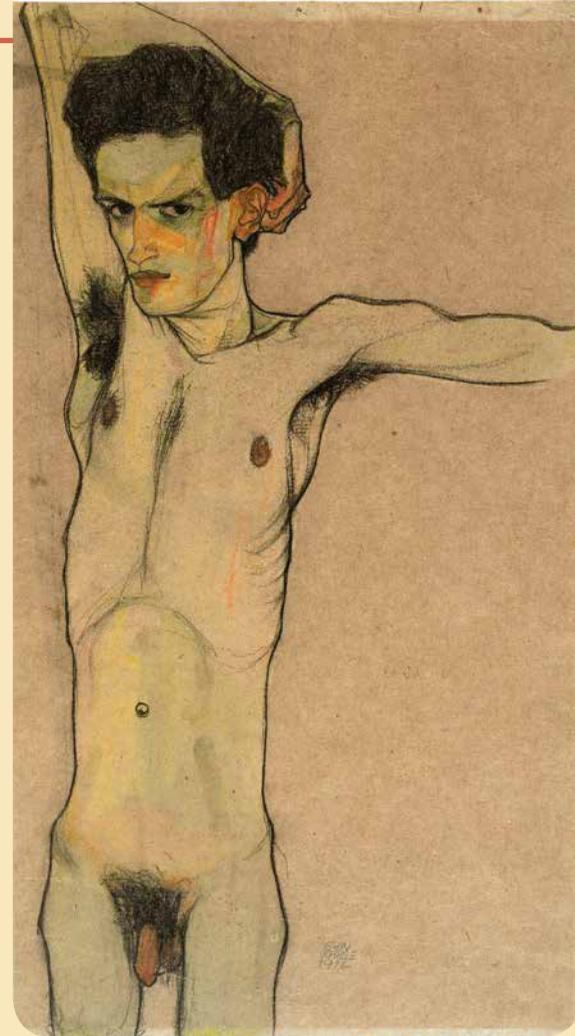
*Nu ajoelhado com mãos levantadas (autorretrato), carvão e aquarela sobre papel, 1910.*



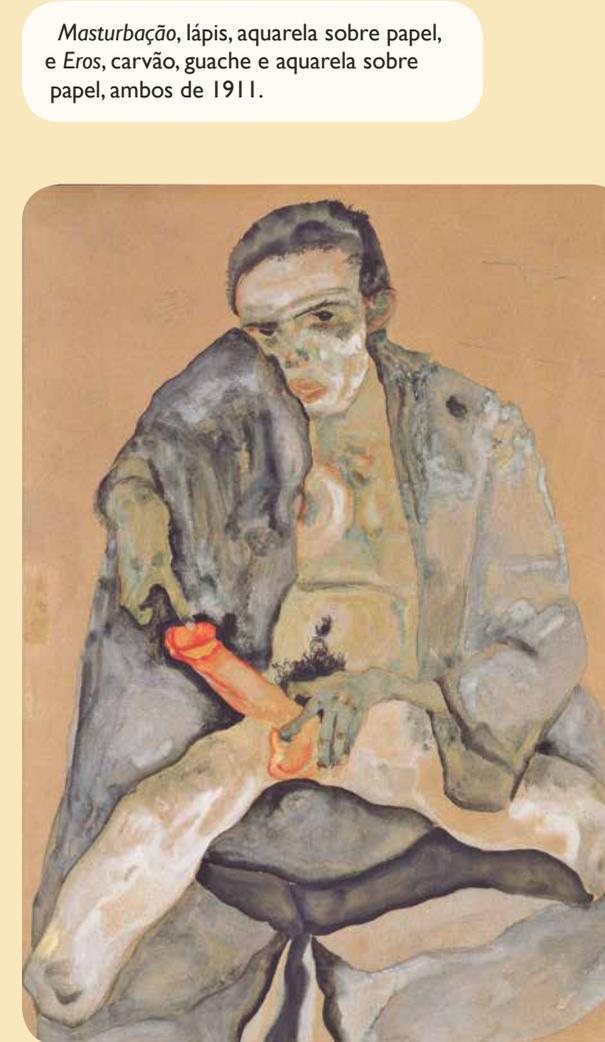
*Acima: Autorretrato nu em cinza com boca aberta e Autorretrato, ambos em giz preto e guache sobre papel, 1910.*

*Ao lado: Autorretrato com braço torcido acima da cabeça, aquarela e carvão sobre papel, 1910.*





Estudos de meninos nus em várias técnicas, 1910.



Masturbação, lápis, aquarela sobre papel, e Eros, carvão, guache e aquarela sobre papel, ambos de 1911.

Autorretrato nu fazendo careta e Autorretrato nu com braço torcido acima da cabeça, aquarela e carvão, ambos de 1910.

Em 1911 conheceu Walburga “Wally” Neuzil, uma jovem de 17 anos (possível ex-amante de Klimt) com quem começou a viver e usar como modelo. Seus estúdios comumente se tornavam ponto de encontro de jovens delinquentes e seus trabalhos eram vistos como pornográficos, atraindo animosidades.

A pintura de prostitutas e adolescentes teve um impacto negativo: Schiele e Wally precisaram mudar de cidade mais de uma vez. Em 1912, um juiz chegou a queimar seus desenhos ao sentenciá-lo à prisão por sedução de menores e exibição de pornografia. No ano seguinte, seus maiores apoiadores começaram a abandoná-lo com a premissa de que seu trabalho não era mais bem aceito. Quando o herdeiro do trono austro-húngaro Francisco Ferdinando visitou pela primeira vez uma exposição do pintor, recomendou a seu pai, o imperador Francisco José, que proibisse que tal evento fosse divulgado na imprensa, pois julgava que ninguém deveria entrar em contato com “tamanha obscenidade”.

Toda essa situação – e, mesmo assim, com duas individuais internacionais no currículo – fez Schiele não só reduzir a quantidade de nudez em suas obras mas também escolher se casar, em 1915, com sua vizinha Edith Harms (por ser socialmente aceitável, porém, sem querer abandonar Wally, que acabou deixando-o). Três dias após seu casamento, recebeu ordem de se apresentar para o serviço ativo no exército por conta da Primeira Guerra Mundial. Sua capacidade artística lhe rendeu respeito dos oficiais, que o permitiram continuar pintando enquanto cumpria tarefas básicas e vigiava prisioneiros russos (que se tornaram seus modelos). Assim, conseguiu evitar o front de batalha e, em 1917, estava de volta a Viena para se concentrar em sua Arte.

Progressivamente, seus traços tornaram-se mais precisos, menos dramáticos. Seus desenhos ficaram relativamente pouco coloridos, contando somente com a linha para transmitir sua essência. Seus óleos ficaram extremamente pictóricos e expressionistas, porém, com efeitos cada vez mais realistas.



Egon e Edith, 1917.

Homem agachado, 1913.

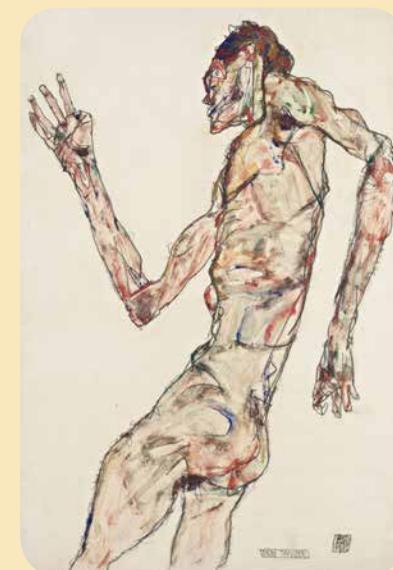


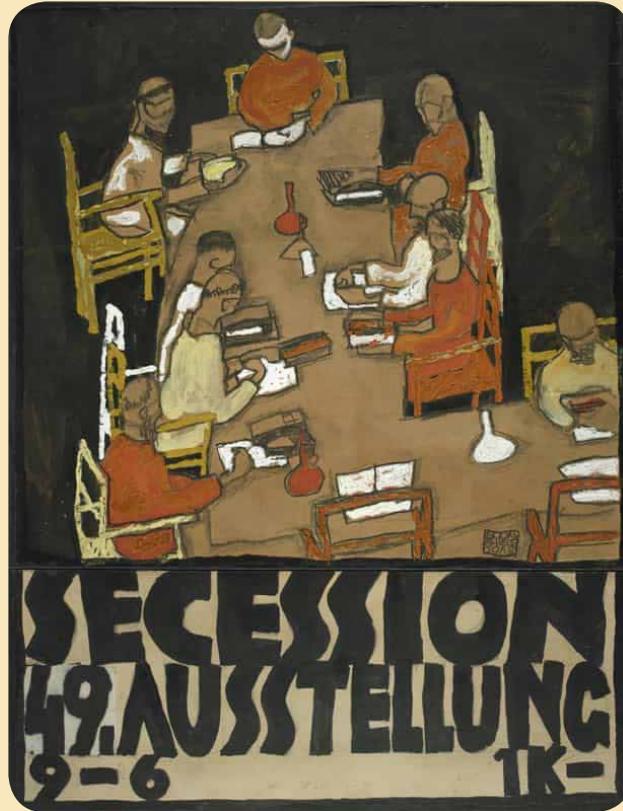
Dois homens, guache e lápis sobre papel japonês, 1913.



Pregador, guache e lápis sobre papel japonês, 1913.

Homem de costas, Lutador e O dançarino, todos em guache e lápis sobre papel, 1913.





Ao ter 50 trabalhos expostos na sala principal da 49ª exposição da Secessão Vienense, em 1918 – além de fazer o cartaz do evento (ao lado) –, atingiu grande sucesso com a consequente subida de valor econômico e participação em exposições em Zurique, Praga e Dresden. No entanto, no mesmo ano, com 28 anos, o pintor sucumbiu à gripe espanhola, três dias após desenhar sua esposa grávida de seis meses também no leito de morte.

Por ter sido considerada “arte degenerada” no período nazista, algumas de suas obras foram destruídas enquanto outras estão foram leiloadas para coleções particulares por todo o mundo.

*Ainda assim, pela minha arte e pelos meus entes queridos, terei prazer em perseverar.*

Schiele revelou a urgência de investigar incansavelmente a corporalidade e a sexualidade como questões existenciais. Apesar de curta, sua abordagem encontrou eco na crise do indivíduo que cercava as Artes, a Literatura, a Filosofia e a Psicologia na Europa do início do século 20 e parece ser de extrema importância ser revisitada no início do século 21. **8=D**

www

Nu masculino agachado, óleo sobre tela, 1917.



Banho dos soldados, óleo sobre tela de Ernst Ludwig Kirchner, 1915.



# NÃO É NÃO!

por Filipe Chagas

**P**ego emprestado o slogan feminista “Não é não” pra dizer que **TODO** abuso, independente de gênero ou orientação sexual, deve ser coibido. Diariamente homens são obrigados a aceitar calados os crimes contra si mesmos, com a permissão de uma sociedade que monopoliza o conceito de vítima e seleciona os que podem ou não sofrerem as consequências de um abuso. Isso acaba alimentando a masculinidade tóxica e a cultura do estupro que as mulheres tanto tentam combater.

Os homens - sejam(os) hetero, gay, bi ou trans - precisam(os) falar sobre isso. Como essa revista foi criada para ser um espaço seguro de compartilhamento, fez-se mister dar voz aos que se calaram. Portanto, após a leitura desse artigo com tom didático, de esclarecimento, você encontrará alguns depoimentos reais e autorizados.

Optei escrever com poucos parágrafos, muitas sentenças e grifos, para que cada informação tenha o seu destaque e seu tempo de reflexão. Por favor, leia. Reflita. Estenda a mão.

# “Seja homem.”

Até o século 15, a palavra “estupro” referia-se a seqüestro e roubo sem qualquer conotação de agressão sexual, uma vez que as violações eram consideradas pilhagens de propriedades.

68

Ao ser entendido como crime, foi relacionado somente à mulheres como vítimas.

No Brasil, a lei mudou em **2009** para ambos os gêneros: o artigo que anteriormente utilizava o termo “mulher” agora diz “constranger **ALGUÉM**, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso [...]”, **também possibilitando o homem de ser a vítima e a mulher de ser a agressora.**

**Somente 1 entre 10 estupros masculinos são relatados**, e, normalmente, somente porque houve algum grave ferimento físico. (Informações do SUS em 2017)

A associação portuguesa *Quebrar o Silêncio* registra que um homem costuma levar de **20 anos a nunca para contar para alguém** que sofreu um abuso.

As pesquisas sobre estupro masculino só aparecem no final da década de 1970, focada em abuso infantil, enquanto os estudos de agressão sexual em estabelecimentos prisionais surgem no início da década de 1980.

Nos EUA hoje, a estimativa é de quase **1 milhão de incidentes de violência sexual por ano.**

Para esclarecer: segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) violência sexual é qualquer ato sexual ou tentativa de obtenção de ato sexual através do uso de violência ou coerção.

Incluem-se comentários ou investidas sexuais indesejados, aliciamento, atividades como o tráfico humano e ataques contra a liberdade sexual de uma pessoa, independentemente da relação com a vítima, do credo, da raça, da idade, da orientação sexual ou da condição social.

**É considerada uma das violações dos Direitos Humanos mais traumáticas e – infelizmente – comuns.**

“Seja uma boa menina e fique quieto.”



“Homens não podem ser estuprados.”

A **masculinidade tóxica** que assola nossa sociedade faz com que a palavra “estupro” automaticamente coloque o agressor como um homem, uma vez que esse tipo de violência ainda é pensada como um crime unicamente contra mulheres.

Isso torna o estupro de homens um tabu carregado de conotações heteronormativas negativas: a orientação sexual das vítimas e o sexo biológico do agressor trazem **pré-conceitos e preconceitos**.

*Acho que todo homem, independente de ser hetero, ser gay, ser bi, o primeiro xingamento que ouve na escola, ainda criança, é “bicha”. Você nem sabe o quê que é “bicha”, mas você APRENDE que aquilo é ruim. Quando você se descobre bicha, você vê que você é gay, você quer esconder aquilo, você quer negar aquilo pra você mesmo, porque você APRENDE que é errado e você APRENDE numa fase em que todos os seus valores estão sendo formados. (Pedro HMC, ativista LGBTQ+ e jornalista, no documentário O Silêncio dos Homens. Grifos meus)*

70



“Não se preocupe, pois meninos tem que gostar disso.”



Se o homem é estuprado por outro homem, a vítima automaticamente é tachada de homossexual ou como “mulher”, posição “mais fraca” na situação de violência.

Por si só, essas categorizações são errôneas e demonstram profunda ignorância. Primeiro, a orientação sexual não está diretamente ligada à violência; e, segundo, julgar um gênero por sua capacidade física é esquecer o fato de que uma mulher também pode ser a agressora sexual. Nesses casos, o estupro torna-se ainda mais complicado.

A ideia de um homem ser “forçado a penetrar” ou “obrigado a fazer/receber sexo oral” em uma mulher é inadmissível em uma sociedade machista, uma vez que, a partir do momento que o homem tem a ereção, supõe-se que está com desejo e, portanto, consentindo o ato sexual que se concluirá com o orgasmo.

**Somente em 2010** foi considerada a possibilidade de um homem ser forçado ao ato sexual.

Assim, homens que sofrem abuso sexual por mulheres enfrentam o julgamento da covardia social e voltam a ser indicados como homossexuais, usando justificativas (reais) de estarem sob ameaça ou sob influência de drogas ou álcool.

É preciso entender que já foi comprovado que a ligeira estimulação genital ou mesmo o estresse podem resultar em ereção e clímax, de modo que não significam unicamente o consentimento à prática sexual, ou seja, homens podem ter ereções, mesmo em situações sexuais traumáticas ou dolorosas.

Os homens que passaram por situações de abuso por mulheres quando crianças costumam justificar a si mesmos como se tivessem estado em uma posição de privilégio e não de vítima.

71

“Você é homem.  
Não pode dizer  
não para uma  
garota como eu.”

Essa **NEGAÇÃO** torna-os mais propensos a problemas psiquiátricos posteriores e reduz a probabilidade de procurarem ajuda.

Estudos de áreas diversas tem entendido esses abusos como um **ATO DE PODER**, indo além da mera satisfação sexual.

Uma sociedade que diz que “homem não chora”, que “homem aguenta”, que homem deve tratar a mulher de um determinado jeito, oferece também argumentação para abusos de menores e incapazes.

*Esses estereótipos, de que “eu não preciso de ajuda”, “homem não chora”, que aparentemente são expressões de força, de potência, na verdade, são grandes expressões de covardia, de medo, de temor, de ser explícita e publicamente fraco e vulnerável. Quebrar o silêncio de sua própria fraqueza e vulnerabilidade é uma forma de se humanizar. (Ed René Kivitz, pastor de Igreja Batista da Água Branca, no documentário O Silêncio dos Homens)*

A exposição à uma violência desse tipo sem qualquer **EDUCAÇÃO SEXUAL** prévia pode causar consequências traumáticas graves, que vão desde reclusão social e raiva intensa à reprodução da violência como algo normal e ao **suicídio**.

Os danos dependem basicamente de três fatores: duração do abuso, grau de vínculo com o abusador e uso ou não de violência.

*Estudos apontam que crianças que conhecem o seu próprio corpo, que recebem explicações sobre como ele funciona, dentro dos limites de idade, conseguem se proteger mais. Até para identificar a diferença entre carinho e contato abusivo. Apesar dos avanços, ainda existe um tabu nas famílias e uma onda conservadora na sociedade, o que atrapalha o combate ao machismo. Vemos claramente uma retração no debate da educação sexual. (Perla Ribeiro, subsecretária da Secretaria da Criança do Distrito Federal em 2017, para o jornal O Globo)*

Por causa da **cultura do estupro**, um contexto no qual o abuso seria permitido devido a atitudes sociais sobre gênero e sexualidade, a vítima é culpabilizada.

O exemplo mais conhecido é o tipo de vestimenta da mulher ser usado como motivo do estupro. Com homens, isso é mais comum ocorrer com transexuais e gays de traços femininos, muitas vezes como estupro corretivo.

www

Ensaio fotográfico por Images  
Male Photography e Joshua Kelly  
(The Survivor Project).

Fotos PB: Internet.



“Sexo gay  
é assim  
mesmo.”

## TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

As violências sexuais podem ser categorizadas de diferentes maneiras: por exemplo, com referência à situação em que ocorre, ao número de envolvidos, à relação entre os envolvidos ou a identidade e características tanto da vítima quanto do agressor. Os tipos descritos aqui não são mutuamente exclusivos, ou seja, um determinado ato pode se encaixar em várias categorias, por exemplo, um estupro na prisão ser um estupro corretivo.

### FAMILIAR EM SEGREDO

O estupro por um conhecido é o mais comum e pode ocorrer entre duas pessoas que somente se conhecem em situações sociais ou que possuam algum grau de relação íntima. Portanto, incluem estupros de colegas de trabalho, colegas de escola, familiares (também chamado de incesto), amigos, professores, tutores e outros conhecidos. São também chamados de “estupro oculto” por causa desses elos de ligação que geram situações sociais conflitantes que exigem um sigilo forçado.

Já o estupro conjugal carrega outras questões. Apesar de ser considerado violência doméstica, é um tipo de abuso estigmatizado dentro de uma sociedade com raízes machistas, onde a mulher deve estar sempre disponível para o sexo com o marido. Todavia, esse tipo de ato se encaixa também para as relações homoafetivas, uma vez que o sexo não consentido é um ato de abuso. Isso difere de atos de fetiche e BDSM (Bondage, Disciplina e SadoMasoquismo), pois são ações consentidas entre os pares. No entanto, muito se discute se sexo violento consentido não estaria alimentando a cultura do estupro.



### ABUSO INFANTIL

O abuso sexual infantil inclui o envolvimento em atividades sexuais com uma criança (seja pedindo, forçando ou outros meios, incluindo digitais), exposição indecente (dos genitais), exploração sexual e pornografia infantil. É mais comum se comentar do abuso realizado por um adulto com um menor, contudo, o mais comum é entre duas crianças, sendo uma delas mais velha.

Segundo a OMS, estima-se que 27% dos meninos até os 12 anos de idade sofreram ou sofrerão algum tipo de abuso sexual. A maioria dos agressores conhece suas vítimas: aproximadamente 30% são parentes da criança; cerca de 60% são outros conhecidos, como “amigos” da família, babás ou vizinhos; estranhos desconhecidos são os outros 10% dos casos (números da UNICEF). A American Psychological Association declara que “as crianças não podem consentir em participar de atividades sexuais com adultos” e condena qualquer ação desse tipo: “Um adulto que se envolve em atividades sexuais com uma criança está realizando um ato criminoso e imoral que nunca pode ser considerado normal ou comportamento socialmente aceitável”.

Assim como “estupro”, o termo “pedofilia” está atrelado a um agressor masculino, independente do gênero da vítima. Quando um menino é abusado sexualmente por uma mulher, muitas vezes são parabenizados pelos próprios pais, que ao invés de se preocuparem com o bem-estar do filho, preferem “ressaltar a masculinidade do garoto”. Essa omissão tem sérias e, às vezes, irreversíveis consequências. Heloísa Ribeiro, diretora executiva da ONG Childhood Brasil, lembra que geralmente não é um sinal apenas, mas um conjunto de indicadores, como, por exemplo, problemas no desenvolvimento cognitivo, fobias e pesadelos, excesso de banhos, transtorno de estresse pós-traumático, depressão, queda nas notas escolares, comportamentos regressivos (fazer xixi na cama e chupar dedo), comportamentos sexuais inadequados para a idade, insistência em permanecer longe da casa/escola (ou do local onde ocorreu a violência), além da possibilidade de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

## BOA NOITE CINDERELA

A agressão sexual facilitada por droga (ASFD) é um golpe conhecido, mas ainda corrente. Normalmente a vítima é dopada ao ingerir uma ou mais substâncias alcaloides misturadas à bebida alcoólica, que potencializa e disfarça os efeitos das drogas. A vítima tem sua atenção e memória afetadas, o que a torna submissa ao criminoso. Isso faz com que o consentimento seja, portanto, questionado.



## CARCERÁRIO

O estupro carcerário se refere ao abuso de presos por agente prisionais ou entre presos. A História conta que até o século I os gladiadores romanos eram prisioneiros e escravos que passavam por abusos sexuais (principalmente estupro coletivo) para que ganhassem resistência à dor. Humilhar e torturar presos políticos e religiosos com abuso sexual é prática histórica de guerra ao redor do mundo e ainda acontece em alguns países do Oriente Médio e da Europa Oriental.

De acordo com o “código de ética” da prisão, o esturador é considerado a pior espécie de infrator (ao lado de pedófilos e delatores) e são constantemente ameaçados de estupro e morte, sendo colocados em celas à parte. Os presos justificam a repulsa argumentando que eles poderiam violentar seus familiares, porém, muitas vezes usam da própria violência sexual como punição.



## ARMA DE GUERRA

Durante conflitos armados o estupro é frequentemente utilizado como um meio da guerra psicológica a fim de humilhar o inimigo e minar sua moral. As violações de guerra - reconhecidas desde 1949 pela Convenção de Genebra como Crime de Guerra e Crime contra a Humanidade - podem ocorrer em uma variedade de situações, incluindo escravidão sexual institucionalizada, estupros coletivos e atos individuais ou isolados, como tortura genital e castração. Depoimentos de vítimas da Guerra Civil Síria contam sobre sentar em garrafas de vidro quebradas, ter o pênis amarrado a sacos de água e assistir ou participar forçadamente de estupros de colegas.

Eles entravam na cela para nos estuprar, mas estava escuro. Nós não podíamos vê-los. Tudo que conseguíamos ouvir eram as pessoas dizendo “Pare! Não!”. Eu pensei que iríamos morrer. (Tarek, depoimento de refugiado sírio para relatório de 2017 da Agência da ONU para Refugiados - ACNUR)

A crise atual dos refugiados traz ainda relatos de abusadores oportunistas. Meninos refugiados em países de acolhimento sofrem violência sexual nas mãos de outros refugiados e de homens da comunidade local. A ACNUR também foi informada sobre episódios de exploração sexual e chantagem:

Meu amigo trabalha com um homem de 60 anos que se recusa a pagar seu salário até que ele faça favores sexuais. Ele não pode deixar seu emprego porque precisa pagar aluguel e ajudar sua família. Ele tem 30 anos, é casado, mas não pode revelar isso. (Ibrahim, depoimento de refugiado sírio no Líbano para ACNUR)



## CORREÇÃO COMPORTAMENTAL

O estupro corretivo - também chamado de estupro curativo - é considerado um crime de ódio no qual o abuso se dá em virtude da orientação sexual ou identidade de gênero com o objetivo de (re)forçar a conformidade com os estereótipos heteronormativos. Acreditar que a homossexualidade é um desvio comportamental ou uma opção sexual contribui para a manutenção desta prática em diversos países. O termo “estupro corretivo” foi cunhado na África do Sul em 2001 após casos de estupros de mulheres lésbicas que se tornaram públicos. Em 2011, a ONU passou a registrar dentro desta nomenclatura os casos de estupros de gays e transexuais.

## EM NOME DE QUEM?

Os casos de abusos sexuais dentro da Igreja Católica entram em inúmeras classificações: de abuso infantil e estupro de familiar a assédio, aliciamento e por aí vai. O acobertamento é o que torna tudo ainda pior, pois parece oferecer uma autorização à violência dada pela maior instituição religiosa que existe. A estatística prevê mais de 3 bilhões de casos possíveis até então!

Os abusos foram relatados já no século II, quando o monge reformador Pedro Damiano escreveu o Liber Gomorrhianus, um tratado descrevendo os vícios clericais. Em 1531, Martinho Lutero afirmou que o Papa Leão X havia vetado uma medida em que os cardeais deveriam restringir o número de meninos que mantinham por prazer para evitar que o mundo percebesse o quão aberta e descaradamente o Papa e os cardeais em Roma praticavam abusos. Em 2010, o Papa Bento XVI manteve a negação pública, porém, três anos depois, já no papado de Francisco, o Vaticano criou uma comissão especial para proteger os menores vítimas de abusos sexuais e combater os casos de pedofilia no clero.

Apesar da Igreja Católica ser o grande alvo, é inegável que toda instituição religiosa possui uma hierarquia humana de poder e, portanto, está apta ao acontecimento de abusos sexuais. Pastores, babalorixás, rabinos, monges... o assédio ao fiel necessitado é possível em todas as religiões e infelizmente recebe o mesmo tratamento silencioso em nome de deus(es).

## ASSÉDIO

Geralmente o assédio é praticado por uma pessoa em posição hierárquica superior em relação à vítima subordinada em forma de ameaça, hostilidade, intimidação ou prejuízo do rendimento profissional em troca de favores sexuais. Mesmo em uma sociedade machista que reduz as possibilidades de mulheres em cargos de poder, o assédio sexual a homens acontece. No filme de 1994, “Assédio Sexual” (Disclosure), a vida de um executivo (Michael Douglas) é arruinada quando uma atraente mulher (Demi Moore) ocupa seu lugar na empresa e tenta seduzi-lo. Depois de rejeitá-la, ele é acusado de assédio sexual e a trama se inicia. Já os casos de assédio sexual entre homens, apesar de reterem todos os estigmas relacionados à orientação sexual dos envolvidos, tem no prejuízo profissional uma justificativa considerada plausível para a delação.

## ABORTO

Uma vez que o homem é negligenciado quando vítima de um abuso sexual, jamais seria pensado que uma mulher agressora poderia engravidar de sua vítima, obrigando o homem a conviver com um filho fruto de uma relação sexual não consentida (e talvez nem mesmo lembrada por ter sido realizado sob influência de drogas). Dessa forma, a lei beneficia a agressora, que pode até exigir pensão da vítima e obrigá-lo uma convivência para não se caracterizar como abandono emocional e material com risco de prisão! Os danos emocionais e psicológicos são inimagináveis e reverberam em todas as famílias envolvidas no abuso.

## ENTRE OUTROS

Existem outras formas de abuso sexual que parecem situações diferentes das já citadas, mas se assemelham em vários aspectos, como, por exemplo o estupro cerimonial (envolvendo a retirada da virgindade de forma ritualística), o estupro de incapaz (não somente de bebês, mas também de idosos, doentes e pessoas com deficiência física e/ou mental), o sequestro (quando o sequestrado é estuprodo enquanto em cativeiro), a violação da custódia (relacionado ao poder de tutores e órfãos ou entre agentes de condicional e criminosos libertos) e a troca sexual (uma barganha usando o sexo como moeda).

“Ninguém precisa saber”, “Quero te mostrar o quanto eu me importo com você” e “É tão gostoso que não é ruim” são discursos dos agressores que se assemelham independente do gênero ou da orientação sexual das vítimas.

Porém, algumas são específicas quando a **vítima é masculina** e você as leu em destaque ao longo desse artigo.

Como homens, devemos estar atentos às nossas atitudes com nossos amigos próximos. Ao invés

da zoação e do julgamento social, **OUVIR** pode ser a verdadeira prova de **AMIZADE**.

O xingamento de “bicha” ou “mulherzinha” **não cabe mais**.

Esse artigo não esgota o assunto. Na verdade, ele abre um espaço de discussão, um espaço que permitirá **terminar com o silêncio**.

Por essa razão, respire e conheça algumas histórias. **8=D**

# Court



**N**a faculdade, um homem famoso se aproveitou de mim. Hoje sei que o famoso homem tem uma reputação de comportamento inadequado em relação a seus assistentes do sexo masculino. É um gênio, mas também um predador.

Eu poderia nomeá-lo, mas isso daria a ele poder nesta história, o poder que ele tirou de seu primeiro acusador, de mim e, provavelmente, de muitos outros. Se você está lendo isso, e de alguma forma conhece o teatro americano, já sabe de quem estou falando. Esta é a minha história, não a dele.

Quando o movimento #metoo se espalhou, pensei que várias histórias desse famoso homem apareceriam, mas somente uma apareceu. A história (publicada pelo BuzzFeed) chamou bastante atenção, mas rapidamente desapareceu (como tantas outras). Talvez o momento estivesse errado: o famoso homem fora chefe de uma organização muito importante na indústria teatral, era premiado e estava na Broadway a 25 anos.

Ao ler o artigo do BuzzFeed, fiquei sabendo que o homem famoso já havia sido advertido anteriormente por seu comportamento no local de trabalho. No meu caso, ele nunca colocou o dedo em mim no trabalho, mas usou de insinuações e sugestões para comunicar que via algo em mim.

Escrevi, então, para o BuzzFeed e contei minha história, dei várias testemunhas. O jornalista responsável me colocou em contato com um editor da American Theatre Magazine que ia se associar ao New York Times para uma história sobre padrões de abuso na indústria do teatro. Repeti toda a minha história... mas, depois de um ano, os editores decidiram não avançar. Disseram que “não havia o suficiente para continuar”. No entanto, nenhuma das minhas testemunhas foi contatada para verificar minha história.

Quando decidi avançar, lutei com o uso ou não do meu próprio nome, pois ainda trabalho nessa indústria, e o famoso homem é, talvez, um dos homens mais poderosos na minha área. Usar meu nome poderia afetar seriamente minha

reputação profissional, e esse é um risco que tenho que estar disposto a correr. Me perguntava se, sem o meu nome, o famoso homem saberia exatamente quem estava se apresentando ou não teria idéia, porque provavelmente fez isso com vários outros homens. Isso me arrepiava!

Eu sou um designer teatral, uma das últimas áreas com um sistema codificado de aprendizes e mestres. De fato, aprendi muito com o famoso homem: como criar um personagem no palco com cenários e figurinos, detalhes, estilo, história da moda, confecção de roupas e como usar as cores para direcionar os olhos para o palco. Também aprendi a ser gracioso e charmoso ou um tubarão quando necessário. Uma das lições mais difíceis que aprendi, inclusive, foi como evitar me colocar em situações de risco, mas não aprendi isso até já estar em uma.

Sabemos que pessoas poderosas geralmente seguem um conjunto diferente de regras, com outras pessoas poderosas os cobrindo, dando desculpas para eles. O mesmo se aplica às pessoas criativas. As pessoas permitem que os gênios escapem de um mau comportamento que de outra forma não seria tolerado. Eles são perdoados por tratar as pessoas de forma desumana e ter más atitudes.

Mentores têm grande poder. Quando eles nos elogiam, nos sentimos especiais, como se talento e habilidades fossem o motivo pelo qual eles nos querem por perto. Eu considerava o homem famoso um ícone do design da Broadway. Eu vi o trabalho dele quando criança no teatro de verão, onde eventualmente nos encontraríamos.

No meu primeiro verão, houve um turbilhão de alegações de assédio sexual que envolviam um assistente do famoso homem. Quando ele ouviu falar disso, chamou o departamento inteiro no escritório da diretora executiva e gritou que “no teatro americano, não existe assédio sexual. Nenhum júri na América consideraria alguém culpado de assédio sexual em nossos negócios. Somos todos cafetões

e prostitutas!” Essas palavras estão gravadas em minha memória como se ele as tivesse dito ontem. A diretora executiva permaneceu em silêncio, porém, renunciou no final da temporada. Dei o nome dela aos jornalistas para corroborar minha história, mas não sei se ela foi contatada.

Nesse verão, foi a primeira vez que o famoso homem falou comigo diretamente: perguntou minha idade. Ele ficou impressionado quando contei que tinha 19 anos. Balançou a cabeça, dizendo “não, você não tem. Você é um garoto de quinze anos!” E saiu. Na época, fiquei lisonjeado e encantado com tal extravagância. Cheguei a ligar pra mim mãe pra contar essa história. Hoje sei que foi onde tudo começou. Dei as informações de contato da minha mãe aos jornalistas, mas ela nunca foi contatada.

No verão seguinte, fui recompensado com uma promoção e um aumento salarial. Ficou claro para mim que o famoso homem havia sido responsável por isso e agradei de forma graciosa. Fui convidado, então, para os fins de semana em uma de suas casas de férias, onde me davam muito para beber. Um de seus assistentes de Nova York, provavelmente uns vinte anos mais velho que eu, me levou para um quarto e fizemos sexo, o que achei consensual na época. Porém, fiquei mortificado no dia seguinte quando o famoso homem lambeu os lábios enquanto espalhava o que seu assistente havia lhe contado sobre o nosso encontro, em detalhes grotescos. Era como se o assistente tivesse me testado. O tal assistente cometeu suicídio.

Minha supervisora também estava na casa de férias e viu minha angústia. Ela me avisou para cuidar melhor de mim, pois conhecia os rumores do comportamento do famoso homem e estava preocupada com o meu bem-estar. Tenho certeza de que ela se lembra, mesmo que não estejamos em contato próximo. Furneci aos jornalistas as informações de contato, mas, que eu saiba, ela nunca foi contatada.

No terceiro verão, fui regularmente convidado para organizar e participar de festas luxuosas com convidados chiques em sua casa. O famoso homem havia ganhado grandes prêmios e estava no topo do mundo. Eu estava deslumbrado por ele ter se dignado a me incluir em seu brilhante universo de celebridades e fama.

Quando eu estava em uma pequena festa a uma quadra da casa do famoso homem e ele apareceu para me dar uma atenção especial, fiquei profundamente lisonjeado. Depois de várias bebidas, ele me convidou para uma conversa sobre o meu futuro e para me dar um livro caríssimo do fotógrafo Bruce Webber - que já havia sido acusado de assediar sexualmente vários modelos masculinos. Eu não estava de maneira alguma sóbrio, e alguém na festa sugeriu que eu recusasse e encerrasse a noite. Eles estavam tentando cuidar de mim. Mas o famoso homem foi me levando para a casa dele e serviu mais bebidas.

A partir daqui, minha memória é irregular. Lembro-me dele expondo seus órgãos genitais. Lembro-me de ter sido ajudado a subir as escadas e receber ordens para ficar quieto enquanto a irmã com deficiência mental do famoso homem e sua enfermeira idosa estavam em casa dormindo. Lembro-me dele falando que tinha camisinha, mas não lembro se usamos. Lembro do seu corpo carnudo e pastoso sob mim. Não me lembro se um de nós alcançou algum tipo de clímax. Sei que me vesti e saí o mais rápido possível. Desgrenhado e bêbado demais para dirigir, voltei para a outra casa e as pessoas viram meu estado. Alguém teve a gentileza de me levar de volta ao meu apartamento.

O que aconteceu foi consensual? Não tenho certeza. Fiquei lisonjeado com a atenção do famoso homem? Absolutamente. Eu estava com nojo do que aconteceu? Definitivamente.

A primavera seguinte foi meu último ano de faculdade. Um importante designer foi trazido de Nova York para dar uma masterclass. Tive a oportunidade de conversar em particular com ele, onde fui incentivado a considerar uma pós-graduação em Nova York. Conteí a ele meus anos de trabalho com o famoso homem e ele me perguntou: “são verdadeiros os rumores? Sobre os meninos?” Fiquei chocado. Eu não era nada especial. Todo mundo sabia e nossa comunidade sussurrou em silêncio sobre histórias semelhantes às minhas. Claro que eu não conteí minha história.

Aquela noite fatídica foi a última vez que estive sozinho com o famoso homem. No último verão que trabalhamos juntos, recebi pouquíssima atenção.

Depois de formado, nunca busquei trabalho com o famoso homem e não conteí a muitas pessoas o que havia acontecido entre nós. Os jornalistas da BuzzFeed e da American Theatre Magazine me perguntaram se eu havia registrado uma queixa contra ele, mas não o fiz. Aquele grito na sala da diretora executiva tinha deixado claro para mim que isso cairia em ouvidos surdos. O único registro que há é dos meus quatro anos de trabalho com ele, mas, que eu saiba, nenhum jornalista confirmou isso.

Anos depois, fui assistente na criação de um espetáculo da Broadway. As fantasias são feitas à mão em uma das várias lojas em Nova York. Não é incomum que os maiores nomes do design estejam nas lojas ao mesmo tempo, uma vez que as lojas trabalham em várias produções ao mesmo tempo. Em 2008, eu estava em uma dessas lojas quando ouvi dizer que o famoso homem apareceria por lá. Basicamente me escondi em um escritório para não encontrá-lo. A certa altura, eu precisava ir ao banheiro e o famoso homem me encontrou no corredor. Ele agarrou meus ombros e disse: “Uau! Você está ótima! Finalmente saiu da puberdade!” Ele piscou e continuou seu caminho.

Fiquei profundamente abalado e voltei ao escritório para tentar me recompor. Não sei se ele se lembrou do meu nome ou de onde me conhecia. Foi a primeira vez que vi o famoso homem pessoalmente em quatro anos. Meu supervisor viu o que havia acontecido e percebeu que eu não estava bem. Não entrei em detalhes, mas o suficiente para o meu supervisor ficar com nojo do comportamento inapropriado do famoso homem e garantir que eu não cruzasse o caminho do famoso homem novamente. Meu supervisor nunca foi contatado pelos jornalistas.

Fui convidado para a inauguração do retrato do famoso homem em um importante restaurante teatral. Talvez eu estivesse tentando me convencer de que estava bem com o que havia acontecido há tanto tempo e fui à inauguração. Não encontrei pessoalmente o famoso homem e não sei se ele me viu lá. Fiquei orgulhoso por ter comparecido. Porém, meses depois, quando o vi em um memorial na Broadway, meu coração disparou. Mais uma vez, me chocou o quanto me incomodava estar perto dele.



O movimento #metoo foi o meu limite. Me senti responsável por todos de quem ele se aproveitou depois de não dizer nada à gerência na época. Quando soube que o New York Times e a American Theatre Magazine não avançariam, entrei em depressão. Foi como um soco no estômago. Não ter espaço para contar minha história me doeu quase tanto quanto aceitar o que aconteceu comigo.

Em uma publicação sem nomes mas de coração aberto no Instagram, várias pessoas, entre amigos e estranhos, estenderam a mão para oferecer apoio. Sou grato por isso e por ter conseguido esse espaço para ser levado a sério e ouvido.

Se eu quero um pedido de desculpas do famoso homem? Não. Se eu quero processá-lo pelo que ele fez comigo? Não. Se quero atenção? Não, não por algo que é tão pessoal e tão doloroso. Preciso ser honesto comigo e com meus colegas do meu setor. Não quero que o rapaz que teve sua história publicada no BuzzFeed se sinta sozinho. Não posso me permitir ficar em silêncio por mais tempo. Falar é a coisa certa a fazer.

Levou anos para processar o que foi feito comigo. Foi uma longa jornada até entender que, de fato, não é minha culpa. Obrigado a todos que leram, e um agradecimento especial àqueles que falam suas histórias.



Court é o artista que está nas folhas de guarda desta edição. Fotos cedidas pelo artista.

# Bruno

**N**os conhecemos nessas salas de bate-papo virtuais. Combinamos de nos encontrar no ponto final de uma das linhas de ônibus do meu bairro, zona norte da cidade. Depois, ele me seguiria

até meu prédio, esperando minha entrada. Na sequência, tocaria o interfone. Atendi liberando a entrada. Minha porta já estava aberta, era do lado da entrada do prédio, morava no térreo. Conversamos em silêncio. Sentamos no sofá. Fomos para o quarto e ele me beijou.

Foi incrível até aquele momento. Já tínhamos combinado como faríamos no começo, pois falei da minha inexperiência aos 14 anos de idade e ele, com 24, saberia conduzir tudo da melhor forma. Afinal de contas, esses garotos da zona sul são boas pessoas. Era minha primeira vez e estava sobrecarregado dos dogmas da igreja luterana que vestiam meu corpo. Mas algo gritava ali dentro e sabia que de alguma forma estava em conflito.

Tiramos a roupa. Comecei a chupar o pau dele, mas estava com vergonha, não queria cometer erros. Às vezes, eu pensava nas questões de pecado da carne, porém, naquele momento, a igreja e seu discurso não faziam mais sentido pra mim, não me atraíam mais, nem muitas das pessoas que a ela pertenciam. Então, ele me chupou por muito tempo, cheguei até a ficar meio mole. Algo estava começando a incomodar. Não sabia muito bem o que eu queria.

Em nosso acordo, eu iria “comê-lo”, porém durante o sexo ele me virou e falou que eu deveria “dar” também. O pau dele não era muito grande – na real, essa questão é irrelevante para mim –, mesmo assim estava com medo. Eu disse que não queria. Não estava tranquilo.

Meus olhos piscaram, a visão deu uma leve embaçada...

Ele se sujou. Foi ao banheiro e, em seguida, embora. Os lençóis estavam levemente sujos de vermelho e marrom. Eu só pensava que não foi bom, que eu estava com dor.

Durante anos, guardei essa história, me sufocando constantemente. Felizmente, na hora certa uma mão se estendeu. Era madrugada e eu estava no sétimo andar. Conversamos por horas. Em nenhum momento me senti julgado, afinal, aquela pessoa

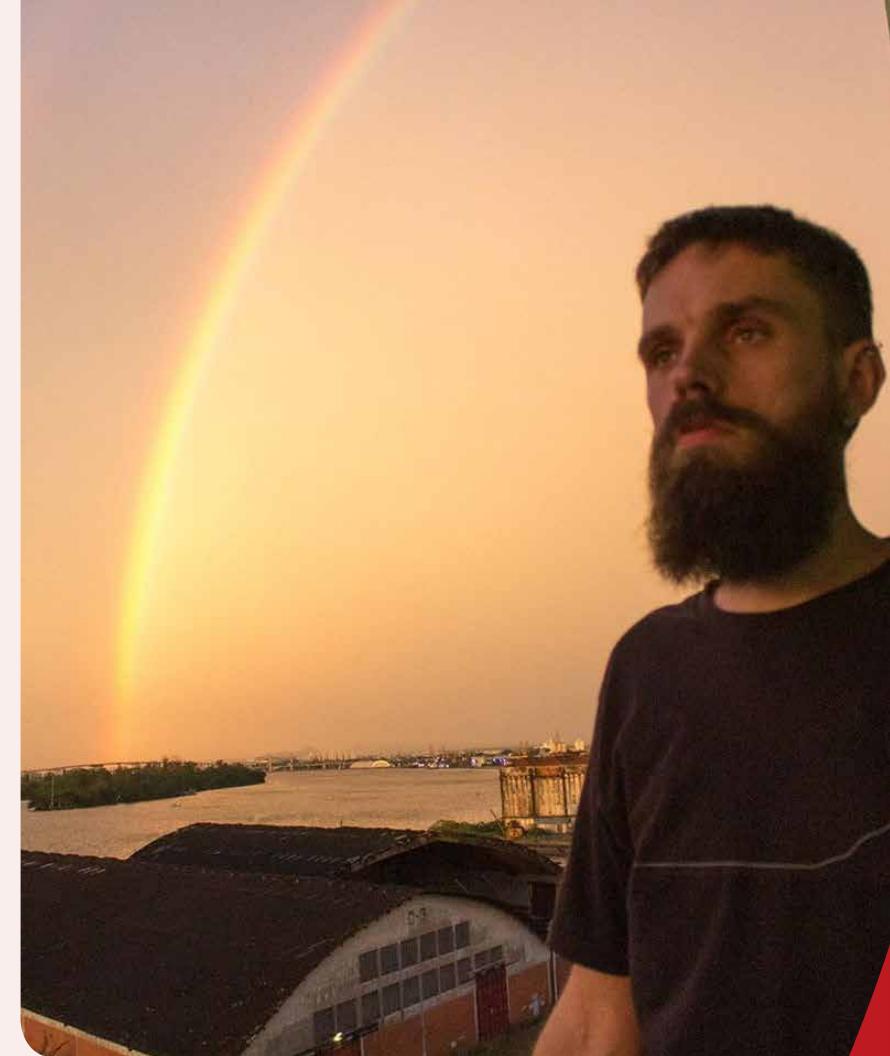
não me conhecia. Isso foi estranho, mas me senti aliviado de pôr aquilo para fora, de compartilhar algo que me doía. Surgiu, então, uma grande amizade.

Hoje, entendo que o que aconteceu comigo: se chama abuso sexual. Mesmo que a transa tenha começado consentida, esse consentimento deixa de existir a partir do momento que uma das pessoas envolvidas fala que não quer. Em determinado momento eu disse “não”, mas não fui respeitado e convivi com isso durante anos da minha vida.

Levei muito tempo para conquistar um pouco da liberdade sexual que me permito hoje. Tenho muito a desconstruir ainda. Aquela dor foi compartilhada e, assim, de alguma maneira, ela se ameniza no dia-a-dia. Mas não significa que sumiu: apenas me fez perceber que não sou o único e isso já me ajuda.

Desde então, venho refletindo sobre a sexualidade e suas inúmeras possibilidades de práticas e teorias. Busco na Arte desenvolver trabalhos que trazem esse debate para nosso cotidiano e também me ajudam a revisitar essa dor e acalmar os pensamentos.

Escrever este depoimento se mostrou fundamental. Mesmo que, ao fazê-lo, eu perceba o quanto a dor ainda é enorme, aos poucos vou domando essa dor, aprendendo a lidar com ela. Serve também para que as pessoas que tenham passado por isso sintam aquele abraço apertado e solidário. Que nunca mais ninguém tenha que passar pelo que passei! Falar é o melhor caminho para, com o tempo, amenizar essa cicatriz que é eterna.



# Orlando

**A**os 8 anos, fui abusado sexualmente por um amigo do meu pai.

Casado e com filhos, ele passava a imagem do que se chama comumente de um homem respeitável. Meus pais confiavam tanto nele que, certa vez, permitiram que ele me levasse ao seu local de trabalho. Mas aquele homem tinha outra face.

No lugar a que me levou, procurou ficar sozinho comigo em espaços seguros para ele, a garagem, o porão, uma sala sem uso. Foi então que se mostrou: quis me tocar, expôs-se, quis que eu o tocasse, quis me penetrar, no limite da opressão silenciosa. Na ingenuidade da minha infância, não entendia o que era aquilo, não sabia que aquilo era possível. Aos poucos, fui percebendo que aquilo me desagradava, que me machucava, que não era certo e não pertencia ao meu mundo infantil. No entanto, eu estava sob o domínio dele, dependia dele para voltar para casa. Estava à mercê da vontade e dos caprichos daquele homem. No jogo tenso de violência física e psicológica que ele armou, eu estava em desvantagem. E ele fez aquilo durar o quanto quis.

Uma vez satisfeito, sem me dizer mais uma palavra, levou-me de volta aos meus pais. A esses pais, eu não soube dizer o que aquele homem havia feito. Não existia para mim linguagem possível para descrever o que se passara. Apenas começava a ser doloroso.

E aquele homem não se contentou com uma única vez. Passou a me perseguir na tentativa de repetir o jogo. Sozinho, incapaz de enunciar minhas razões, consegui fugir dele até que desistisse. Em pouco tempo, esqueci aquele homem e o que ele havia feito comigo. Ou melhor, como a psicanálise me ensinou depois, reprimi um evento com o qual não tinha condições, naquele momento, de lidar.

Na adolescência, ao descobrir (ou redescobrir) a sexualidade, a memória daquilo voltou. Comecei a entender, ao mesmo tempo, a minha atração por homens e o primeiro contato que tivera com um deles. Consegui saber o que a criança não soube: o significado do que aquele homem havia feito comigo, o sentido daquela experiência forçada. A dor, então, se apresentou inteira, numa mistura amarga de raiva, vergonha, culpa e impotência. Entendi-me como a criança simultaneamente maltratada e desamparada, subjugada pela

violência e pelo silêncio do mundo dos adultos. Precisei de vários anos para perceber claramente e distinguir aquilo que, para o adolescente, era esse intrincado e confuso sofrimento.

O abuso não havia definido minha homossexualidade. Meu desejo não era dependente daquela experiência. Mas, na adolescência, e mesmo em algum tempo da vida adulta, o abuso havia dificultado enormemente o entendimento e a aceitação da minha orientação, para além das muitas dificuldades inerentes à condição dos gays na sociedade em que vivemos. Até conseguir diferenciar as coisas, minha atração por homens era simultaneamente desejo e repulsa. O encontro com o corpo masculino era sujo, agressivo, vil, a ser feito de forma obscura e proibida; não poderia ser um encontro de reciprocidade amorosa como já começava a fantasiar. Tudo isso porque o primeiro desses encontros tinha sido uma exposição forçada ao aspecto mais adverso e nocivo do sexo. Eu era um adolescente que se achava doente por sentir atração por homens. E, dessa vez, reprimi, não a memória, mas o desejo.

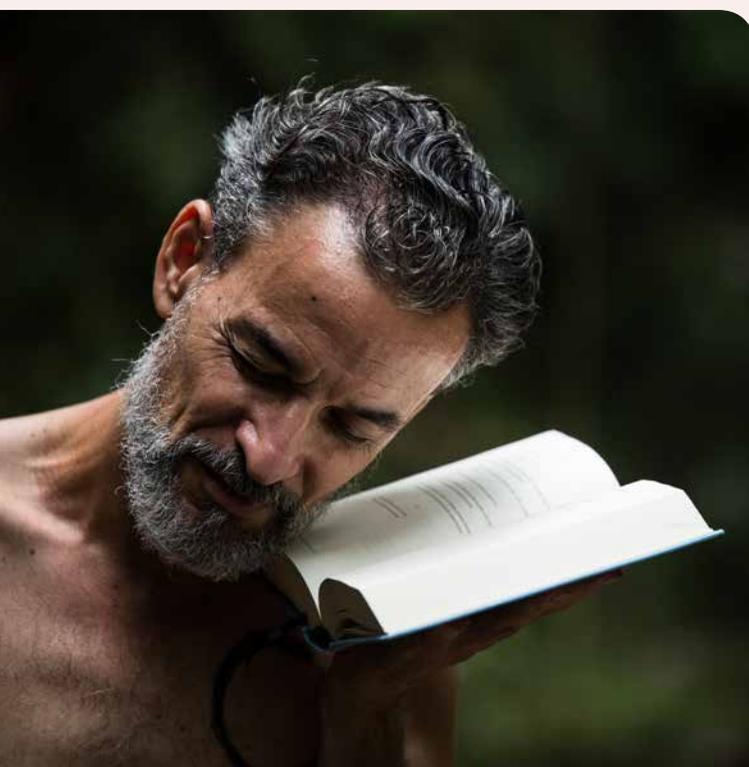
Casei-me, amei profundamente minha mulher, tive um filho, assumi plenamente a paternidade. Apenas aos 35 anos, ao começar um processo terapêutico, consegui falar a alguém, pela primeira vez, tanto sobre o abuso quanto sobre minha atração por homens e as dificuldades que sentia para lidar com ela.

Após o fim do casamento e meses de terapia, me senti seguro para me aproximar, pela primeira vez, de um homem e descobrir que a experiência sexual com ele podia ser de prazer e afeto, de reciprocidade e compreensão, de cumplicidade e respeito. Um longo processo para superar as consequências nefastas do que um único homem havia instilado em mim, como um veneno, ao ter feito o que fez. Um longo processo para aprender a ser homem, a ser gay e a ser pai, com todo o direito que tenho de sê-los.

Durante toda a infância do meu filho, vivi sob um medo doloroso de que ele pudesse sofrer algo semelhante ao que me acontecera. Vivia sob a tensão de protegê-lo e estar presente, caso um abuso acontecesse. Tinha a preocupação em manter um diálogo franco e aberto, uma comunicação constante, para que ao menos ele não sofresse com a sensação de desamparo pelo silêncio que sofri. Isso acabou por criar entre nós a melhor relação possível entre pai e filho, de admiração e amor profundos, inclusive pela aceitação, por parte dele, do pai gay que tem, com uma dignidade e um respeito raros. Consegui, com todo o esforço que me exigiu, transformar violência e dor em amor e cumplicidade. Sinto orgulho de ter sido capaz de realizar essa transformação.

Sei que há experiências mais horrorosas do que a minha. Fui abusado uma única vez, enquanto existem crianças sendo repetidamente abusadas em circunstâncias piores. Por isso, acredito firmemente que nunca, em hipótese alguma, pode ser aceitável que um homem tenha de passar por algo assim, simplesmente porque outro homem esqueceu o respeito que deve a uma criança.

Essas histórias deixam uma marca indelével e traumática, que acompanha praticamente toda a vida adulta de quem a sofreu. Essas histórias precisam ser contadas. Nós, adultos, precisamos dar voz a essas crianças maltratadas que fomos e que muitas vezes não souberam expressar o que sofriam. Algo de bom nasce quando histórias são contadas, mesmo que sejam histórias de dor.







Guilherme Corrêa convida Thiago Muniz

FALATÓRIO

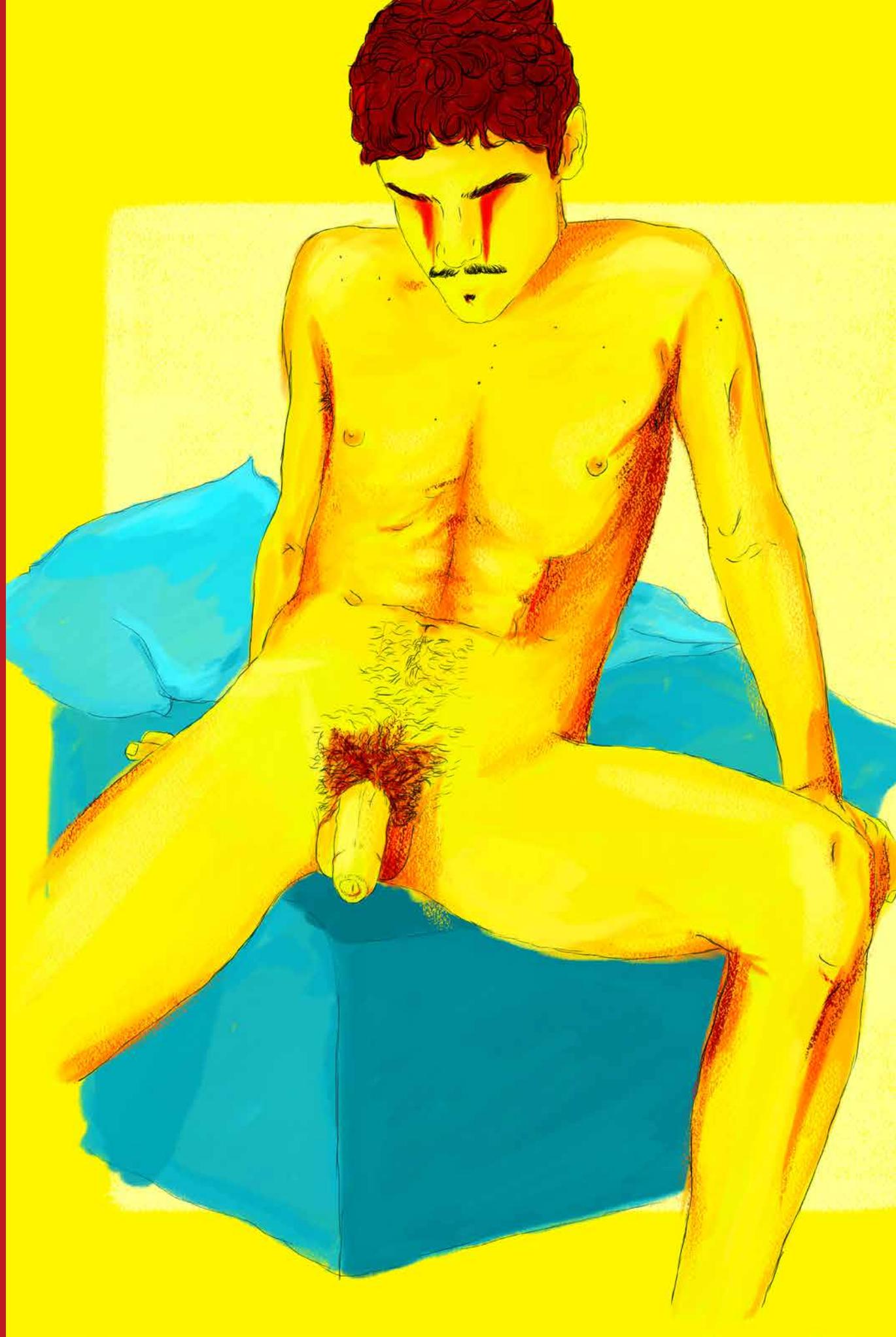


Foto: Guilherme Corrêa. Modelo: Mateus Lucas.



## Constituição da República Federativa do Brasil (1988)

**U**ma das maiores reclamações em redes sociais de artistas que trabalham com nudez (independente do gênero ou orientação sexual) é a falta de critério sobre imagens censuradas e contas deletadas. As regras das redes sociais não são tão claras quanto pretendem e abrem margem para o famoso “dois pesos e duas medidas”. São regras criadas por uma empresa privada, ou seja, podem ser alteradas ao bel prazer de quem manda.

Conhecer as regras é sempre importante, pois elas dão argumentação, garantias e limites. Para isso, elas devem ser claras. As regras de um país, por exemplo, devem ser as mais objetivas possíveis para evitar brechas e causar transtornos de nível nacional (quicá internacional). Como hoje anda bem difícil viver no Brasil – pior ainda para artistas –, saber algumas leis básicas pode ser fundamental. Então, esse **BiblióFalo** não é exatamente uma resenha – até porque não consigo imaginar uma resenha de uma constituição federal! A ideia aqui é trazer algumas regras e leis que estão diretamente ligadas à liberdade de expressão artística (com alguns grifos específicos). **8=D**

*“Declaro promulgado o documento da liberdade, da dignidade, da democracia, da justiça social do Brasil. Que Deus nos ajude para que isso se cumpra!”*

Ulisses Guimarães

Presidente da Assembleia Nacional Constituinte



### TÍTULO I

#### Dos Princípios Fundamentais

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I - a soberania;
- II - a cidadania
- III - a dignidade da pessoa humana;
- IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V - o pluralismo político.

**Parágrafo único.** Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II - garantir o desenvolvimento nacional;
- III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

### TÍTULO II

#### Dos Direitos e Garantias Fundamentais

#### CAPÍTULO I: DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

**Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:**

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

**IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;**

**IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;**

XXVII - aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar; (mais sobre direitos autorais na Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998)

## TÍTULO VIII

### Da Ordem Social

#### CAPÍTULO III: DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO

##### Seção I – DA EDUCAÇÃO

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

**II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;**

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

**V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;**

##### Seção II – DA CULTURA

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

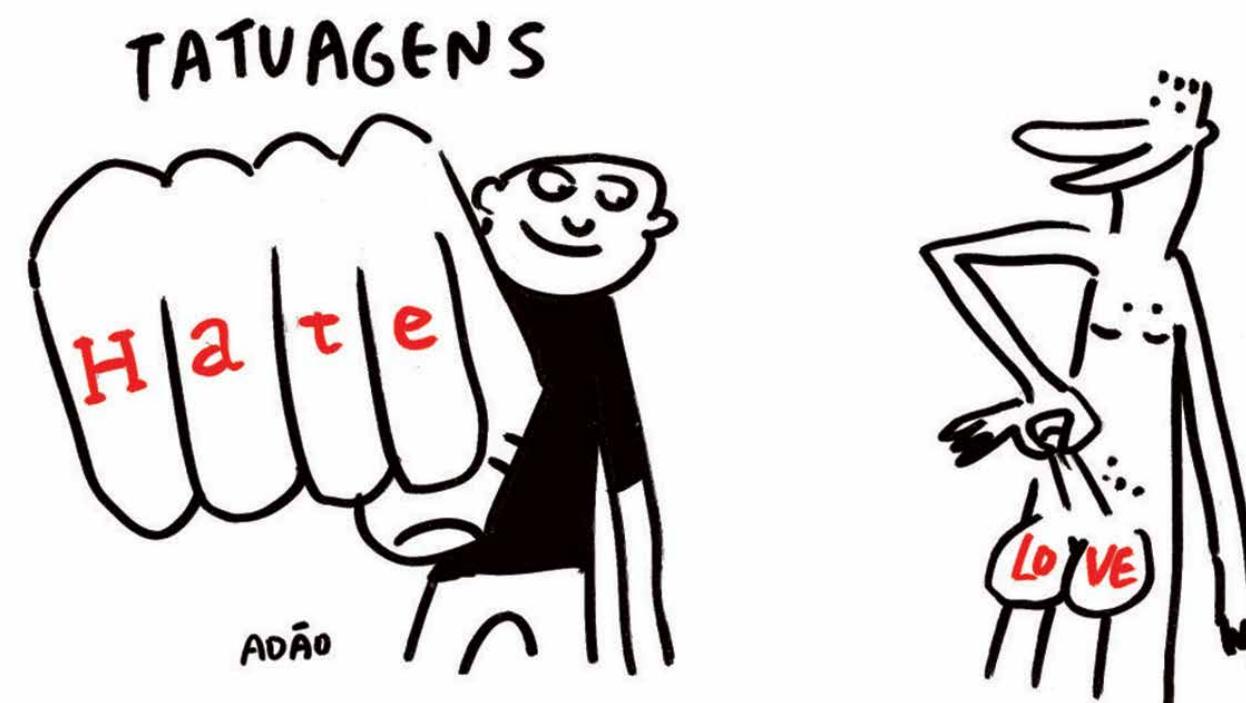
#### CAPÍTULO V: DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

*Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.*

*§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.*

§ 3º Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao Poder Público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;





Já tive muitos relacionamentos sérios, todos monogâmicos. No último, meu namorado terminou comigo porque me considerou “anormal” ao sugerir fazer coisas que fugiam do que é “aceito” como comum. Só consegui expressar minhas fantasias quando comecei a me autoconhecer melhor e entender que aquilo não era nada demais. Porém, perdi o namorado e não realizei nada do que queria. Por que as pessoas se limitam tanto quando o assunto é fugir do sexo “feijão com arroz”?

R.L. Salvador/BA.

*Primeiro vamos entender o que pode ser considerado “normal” e “anormal” na sexualidade humana.*

*Do ponto de vista sociológico, sexo “normal” é aquele praticado pela maioria de um grupo social num determinado momento de sua existência. Tudo o que fugir a essa regra já pode ser considerado “desvio”. Contudo essa mesma conduta considerada “desviada” pode ser “normal” em outro grupo social e vice-versa. Além disso, os padrões sociais mudam, ou seja, o que é tido como “normal” hoje pode ser “anormal” amanhã (exemplo: a submissão feminina já foi – ainda é pelos mais conservadores – considerada um comportamento adequado para as mulheres).*

*Passando para o ponto de vista biológico, sexo “normal” é aquele que se manifesta sob a forma de resposta fisiológica saudável. Todo ser humano nasce com a capacidade de reagir a um estímulo erótico, emitindo comportamentos encobertos e manifestos. Quando essa capacidade responsiva está íntegra, diz-se que a pessoa é biologicamente “normal” ou funcional. O bestialismo, por exemplo, é considerado, em nossa cultura, um desvio, uma parafilia. O sujeito que pratica é, portanto, “anormal”. Mas, se ele reage com apetência, excitação e orgasmo diante de um objeto erótico que não é considerado estímulo sexual para a maioria das pessoas de seu grupo, ele é perfeitamente “normal” do ponto de vista fisiológico.*

*Na visão psicológica, sexo “normal” é aquele assim considerado dentro da visão particular de cada um. Aqui o que importa é a satisfação pessoal ou adequação sexual de cada indivíduo. Um exemplo disso seria o sadomasoquismo, considerado desvio (parafilia), mas, se o par consente e considera o desempenho sexual gratificante e satisfatório, este é um casal adequado.*

*É difícil para muitas pessoas, a partir do que aprenderam no meio em que estão inseridos, abrir o campo de visão acerca da sexualidade. O saldo negativo e histórico de ver o sexo como algo sujo e errado durante muito tempo acaba sendo o fator decisivo no momento de experimentar se abrir para algo além do “feijão com arroz” nosso de cada dia. No seu caso, o mais assertivo seria encontrar alguém que possa abraçar a sexualidade de maneira mais clara como você e menos “quadrada” como seu(s) ex-namorado(s).*

*Que você tenha sorte nos amores futuros :)*

A última campanha lançada pelo governo brasileiro levanta a bandeira da abstinência sexual para barrar a gravidez na adolescência e as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), que pouco são mencionadas, mas não sei se isso pode realmente funcionar. Tenho 18 anos e, desde que comecei minha vida sexual, abstinência é algo que nunca passou pela minha cabeça. O que você acha?

H.F. Rio de Janeiro/RJ.

*A campanha é equivocada em vários aspectos, já que pede aos jovens que busquem informações e “reflexões” como forma de prevenir a gravidez, mas sequer cita preservativos e outros métodos de prevenção. A visão sobre a sexualidade é resumida apenas na penetração, não dando amplitude para a dimensão sobre o corpo e o autoconhecimento.*

*É importante perceber também que a campanha foca nos jovens, mas ignora que existem adultos abusadores de menores, que esses jovens também são vítimas de estupro e que os crimes sexuais são alarmantes no país, ou seja, reduz a problemática a uma “escolha” do adolescente querer ou não transar.*

*Diversos especialistas apontam a campanha como “um discurso razoável que se contradiz a realidade”. Lutar para abdicar do prazer é um retrocesso no momento em que a sociedade vive cada vez mais avanços tecnológicos e a abertura para compreensão acerca da sexualidade é a maior já vista na história da humanidade.*

*Uma criança com um celular na mão e sem educação sexual, por exemplo, é um risco futuro para ela mesma. O que quero dizer é que não será evitando falar sobre sexo e jogando a responsabilidade de uma possível gravidez que o comportamento do jovem irá mudar. Faz-se urgente acontecer mudanças mais profundas no que tange à Educação e a prevenção em saúde. Todavia, a percepção que se tem atualmente no país é que o fundamentalismo religioso, aliado a outras camadas ultraconservadoras da sociedade, querem ditar o certo e o errado a partir das próprias concepções.*

*O que nos resta agora é “esperar” por capítulos melhores...*



# noisy RAIN

gay art magazine

WWW.NOISYRAIN.COM



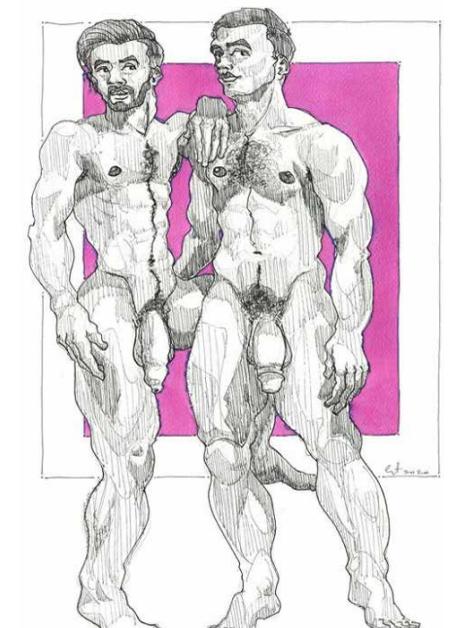
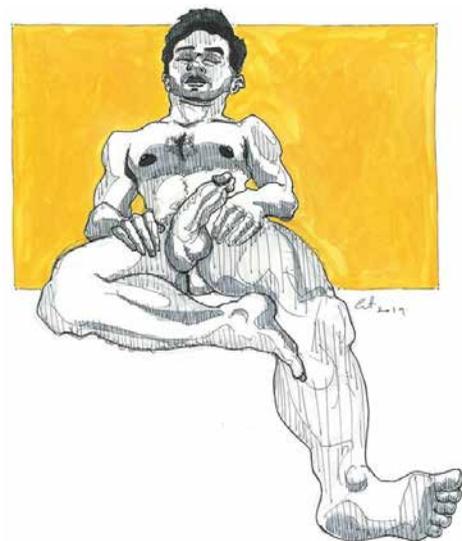
ONLINE GAY ART MAGAZINE  
for artists and art lovers

moNUMENTO



Modelo: Daniel Ruzic. Foto: Pawel Spychalski.





Os trabalhos de Court vêm de uma atmosfera comunitária de desenhar homens sedutores em um ambiente de grupo. Então, ele precisa lidar com o tempo (“em uma sessão de 100 poses, o falo se move!”) e permanecer respeitoso com a zona de conforto e o estado de excitação de cada modelo:

*Um ambiente de apoio seguro levará à melhor arte. Celebremos nossa comunidade em toda a sua diversidade. Nada de julgamentos. Sejam gentis uns com os outros. Nossa comunidade pode ser tão solidária! Celebremos o que nos diferencia como artistas queer!*

Vamos celebrar!



Court Watson (Foto: Victor Giganti)  
 Leia o depoimento de Court no artigo sobre abuso sexual.



# FALD

ISSN 2675-018X  
falonart@gmail.com

